

A ATUAÇÃO DAS MULHERES NOS DISTINTOS ESPAÇOS
SOCIAIS: UM ESTUDO SOBRE O GÊNERO

Tânia Régia de Oliveira

Dissertação apresentada ao
Curso de Mestrado em
SOCIOLOGIA RURAL da
Universidade Federal da
Paraíba, em cumprimento às
exigências para obtenção do
grau de MESTRE.

Área de Concentração: SOCIOLOGIA RURAL

Orientadora: Glacy Gonzales Gorski Garcia

Campina Grande - 1995.



048a Oliveira, Tânia Régia de.
A atuação das mulheres nos distintos espaços sociais :
um estudo sobre o gênero / Tânia Régia de Oliveira. -
Campina Grande, 1995.
140 f.

Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural) -
Universidade Federal da Paraíba, Centro de Humanidades,
1995.

Referências.
"Orientação : Prof^a. Glacy Gonzales Gorski Garcia".

1. Sociologia Rural - Mulheres. 2. Relações de Gênero.
3. Mulheres - Trabalho. 4. Movimentos Sociais -
Participação Feminina. 5. Dissertação - Sociologia Rural.
I. Garcia, Glacy Gonzales Gorski. II. Universidade Federal
da Paraíba - Campina Grande (PB). III. Título

CDU 316.334.55-055.2(043)

A ATUAÇÃO DAS MULHERES NOS DISTINTOS ESPAÇOS SOCIAIS: UM
ESTUDO SOBRE O GÊNERO

Tânia Régia de Oliveira

Dissertação apresentada em: / /

Dra. Glacy Gonzales Gosrki Garcia

Maria Cristina de Melo Marin

Componente da banca
Dra. Ghislaine Duqué

Componente da banca
Dra. Maria Barbosa Dias

"Se a existência humana é sempre
existência dotada de gênero, extraviar -
se do gênero estabelecido é em certo
sentido questionar a própria
existência".

(Judith Butler)

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, Aduino e Teresinha
pela força, carinho e atenção
permanentes;*

*Ao meu companheiro Hermano, pelo
amor, presença e apoio constantes;*

*Ao meu filho, companhia permanente e
estimulante.*

AGRADECIMENTOS

Durante o percurso do nosso trabalho alguns colegas e amigos, direta ou indiretamente, contribuíram significativamente. É a essas pessoas que gostaríamos de expressar nossos agradecimentos.

- Agradecemos em especial às mulheres de B. do Cruz que, com seus depoimentos, possibilitaram a realização deste estudo;

- À Glacy Gonzales Gorski Garcia, que atenciosamente orientou este trabalho, contribuindo com suas sérias e relevantes recomendações;

- A M^a Cristina de Melo Marin, co - orientadora e amiga, pelas sensatas sugestões e críticas;

- Aos colegas do curso: Nilda, Ofélia, Verinha, Amilton, M^a Aldano, Claudio, Tônico, Gilberto, Madá e Eugênio, pelas discussões, descobertas e pelo apoio mútuo.

- À Coordenadora do Mestrado em Sociologia - Ghislaine Duqué pela força, dedicação e estímulo;

- Aos professores do Mestrado pelos ensinamentos, carinho e atenção;

- Aos funcionários do Mestrado: Vera e Joãozinho pela competência e bom humor;

- Aos bons amigos pelo caloroso e sincero apoio.

SUMÁRIO

	PG.
INTRODUÇÃO.....	10
* CARACTERÍSTICAS GERAIS BREJO DO CRUZ.....	18
* PARTICIPAÇÃO FEMININA.....	24
* METODOLOGIA DA PESQUISA.....	33
1. GÊNERO: UM RECURSO ANALÍTICO.....	38
2. O TRABALHO DA MULHER.....	55
3. TRABALHO E CONDIÇÃO FEMININA:ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS.....	77
* A ESCOLHA DOS TEMAS.....	87
3.1.INFLUÊNCIA NA ESCOLHA DAS ATIVIDADES.....	88
3.2.COMO SE VÊM DIANTE DA SOCIEDADE.....	92

3.3.A ATIVIDADE É "FEMININA" OU "MASCULINA"?......	97
3.4.FEMININO OU MASCULINO - ELAS RESPONDEM.....	110
. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
. BIBLIOGRAFIA.....	128

RESUMO

A investigação elaborada ao longo desta dissertação teve como proposta fundamental apreender a reconstrução das relações de gênero com base na participação feminina no mundo do trabalho.

A pesquisa foi desenvolvida no município de Brejo da Cruz, no sertão paraibano, partindo dos depoimentos de um grupo de mulheres ocupadas em diferentes funções públicas. Propositadamente, selecionamos determinadas funções que, pela própria experiência do município, revelada em dados estatísticos e/ou nos discursos das mulheres, se dividem de um lado em tradicionalmente femininas e, de outro lado, em tradicionalmente masculinas.

Com base no nosso referencial teórico, partimos da compreensão de "gênero" como construção social que ultrapassa, portanto, os limites sexuais e englobam os diversos sistemas que compõem a sociedade.

O nosso objetivo é verificar como as mulheres, comprometidas com atividades distintas, através das suas falas -, representam o ser feminino e o ser masculino; como elas avaliam a sua prática na sociedade; e se ao ocuparem espaços "femininos" e "masculinos", elas assumem discursos coerentes com as suas práticas no mundo do trabalho.

RÉSUMÉ

L'objectif fondamental de la recherche élaborée pour cette dissertation a été de comprendre la reconstruction des relations de genres comme base de la participation féminine au monde du travail.

La recherche a eu lieu dans le municipe de Brejo da Cruz, Sertão de la Paraíba. Nous sommes partis des témoignages d'un groupe de femmes occupées dans différentes fonctions publiques. Nous avons sélectionné expressément des fonctions qui, par l'expérience du municipe (révélée par des données statistiques et dans les discours de ces femmes), se divisent en fonctions traditionnellement féminines et traditionnellement masculines.

A partir de nos références théoriques, nous avons compris la catégorie "genre" comme une construction sociale qui dépasse les limites du sexe et englobent les divers systèmes qui composent la société.

Notre objectif est de vérifier comment les femmes engagées dans des activités distinctes représentent dans leurs discours l'être féminin ou l'être masculin, principalement en ce qui se rapporte à leurs fonctions; comment elles évaluent leur pratique dans la société; et si, en occupant des espaces "féminins" ou "masculins", elles assument un discours cohérent avec leurs pratiques dans le monde du travail.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo a mulher tem tido uma participação silenciosa na história, ocupando um papel de coadjuvante em quase todos os espaços sociais: na produção, na política, nos setores mais diversos que constituem o espaço público. Dizemos em quase todos os espaços porque o âmbito doméstico-familiar tem sido considerado o espaço feminino por excelência. Outrossim, esse mesmo espaço sempre foi concebido como inexpressivo e inferior ao espaço público de domínio masculino.

Por séculos a história tem omitido, de fato, os desejos e as opiniões das mulheres ocupadas na cozinha, na costura, na plantação, na fiação, na limpeza, no cuidado e educação dos filhos. Lentamente, a participação feminina, antes invisível, começou a ser divulgada e debatida. O resgate da memória feminina foi aos poucos se acentuando, e uma nova imagem da mulher foi sendo revelada publicamente.

Muitos estudos acadêmicos tem abordado a questão feminina nos seus mais variados aspectos: saúde, violência, vida sexual, participação política, produção, reprodução, etc.. O avanço teórico-analítico das interpretações é notório. Todos esses estudos têm permitido amplas interpretações e motivado muitas ações e reações de grupos, cujos interesses incluem a questão da mulher ou a ela se restringem. (ver GUTIERREZ, 1985)

Hoje, nas análises desenvolvidas pelas Ciências Sociais e por outras áreas do conhecimento há o interesse na discussão sobre o direito da participação ativa da mulher nos diversos setores da nossa sociedade. Essa discussão não se restringe apenas às mulheres nem a grupos feministas. Homens e mulheres têm produzido análises que rejeitam as antigas regras preconcebidas e conservadoras que não admitiam a inclusão da mulher nos espaços públicos, usufruindo dos mesmos direitos permitidos aos homens, e estabeleciam que "o lugar da mulher é em casa". Com isso, muitas abordagens foram feitas no sentido de não só mostrar a importância da mulher nos mesmos espaços ocupados por homens, mas também que ela deva deter os mesmos direitos, com salários equivalentes e as mesmas condições de trabalho.

Neste estudo não temos a pretensão de analisar algum movimento específico de mulheres - feminista, de trabalhadoras, ou de sindicalistas, etc. -, nem tampouco a atuação da mulher em instituições ou entidades específicas no intuito de avaliar a conquista de seus direitos ou de seus espaços enquanto cidadã. Pretendemos averiguar de que forma as mulheres que atuam em distintos espaços sociais públicos tais como Sindicato, Política, Saúde, Artesanato, Educação, etc., reconstróem as relações de gênero.

A idéia de trabalharmos com essa temática, surgiu dando continuidade à pesquisa que desenvolvemos no ano de 1987 para a monografia do curso de graduação

em Ciências Sociais na Universidade Federal da Paraíba - Campus II, cujo título era "CONFRONTO DE PERFIS MASCULINOS E FEMININOS DOS DIRIGENTES SINDICAIS NA PARAÍBA, O CASO DAS ENTIDADES DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES RURAIS (S.T.R.) DO ALTO SERTÃO".* Realizamos esse estudo numa parte do Sertão da Paraíba - nos municípios de Pombal, Catolé do Rocha, Brejo do Cruz, Brejo dos Santos, Olho D'água, Cajazeiras, Sousa, Catingueira, Paulista e Belém de Brejo do Cruz.

Nosso interesse em estabelecer esse confronto entre homens e mulheres das diretorias dos STR surgiu a partir da experiência com a pesquisa anterior, quando nos deparamos com a dualidade de comportamentos dos dirigentes sindicais masculinos: de um lado, homens apoiando e contribuindo com a prática feminina nos sindicatos, de outro, homens dificultando o trabalho das mulheres da direção dos sindicatos. Tentando perceber os diferentes motivos de atitudes por parte do grupo masculino e as reações frente a esses comportamentos por parte das mulheres, desenvolvemos o nosso trabalho.

* Este trabalho foi apresentado em julho de 1988. A escolha desta temática se deu como resultado do estudo elaborado pela professora Paola C. Giuliani nos estados da Paraíba e Pernambuco, sobre a participação das mulheres nos S.T.R., cujo título era: "Silenciosas e Combativas: as contribuições das mulheres na estrutura sindical no Nordeste - 1976 a 1986", onde participei como pesquisadora.

Escolhemos o período pós - seca para a realização da pesquisa por este ter sido o período de implantação do assalariamento efetuado pelo Programa de Emergência, elaborado em setores prejudicados pela estiagem, o que provocou movimentos de invasões e conflitos, como consequência da fome e do desespero. O que resultou de tudo isso foi a mobilização política dos trabalhadores rurais, especificamente a participação feminina nos S.T.R. (OLIVEIRA,1988:2)

Concluída essa pesquisa, passamos a questionar a situação da mulher nos seus amplos e variados aspectos do cotidiano, e então ultrapassamos o nosso interesse da temática "mulher sindicalista" para outras reflexões. Com isso, optamos em realizar um estudo específico sobre a mulher e o exercício do trabalho, em uma daquelas localidades - Brejo do Cruz -, introduzindo na nossa problemática a categoria de gênero.

Na nossa perspectiva, a busca do entendimento das relações de gênero parte da concepção que os sujeitos entrevistados - as mulheres - têm de suas próprias práticas, concepção esta que fica expressa nos seus depoimentos.

A título ilustrativo pretendemos acompanhar, a partir do conjunto de todas as falas, os sinais significativos, recompondo, assim, a imagem que os sujeitos constroem sobre suas atividades, bem como sobre seus comportamentos e atitudes frente a essas atividades, e ainda sobre as relações que permeiam essas

práticas - as relações entre os gêneros. Com isso, queremos apreender como, nos diferentes âmbitos ocupados pelas mulheres, se remarca o papel feminino.

Ao tomarmos a inserção da mulher em espaços ditos femininos e ditos masculinos (uma vez que as funções que elas ocupam ora são consideradas, naquela região, como femininas - Enfermeira, Costureira, Rezadeira, etc. - ora são concebidas como masculinas - Fazendeira, Marceneira, Sapateira, etc. -), queremos analisar se a sua atuação reproduz a tradição do feminino/masculino, ou se, pelo contrário, produz transformações nas suas representações da condição feminina gerando novos comportamentos.

Percebemos, com isso, a necessidade de analisarmos as práticas sociais das mulheres através de suas representações. São os símbolos constitutivos das práticas dos indivíduos que devem ser decodificados no momento em que se tenta compreender os fenômenos sociais. Essa compreensão vai no sentido de que:

" A dimensão simbólica constitutiva da ação humana pode ser verbalizada no discurso, cristalizada no mito, no rito, no dogma, ou incorporada aos objetivos, à postura corporal, e está sempre presente em qualquer prática social". (DUREAM, 1984:73)

O problema, neste ponto de vista, não se limita em restringir a análise unicamente nos sujeitos, nem tampouco na estrutura social, econômica ou política como determinantes das práticas coletivas e individuais. Se nos apoiamos fundamentalmente na análise das relações de gênero, não podemos isolar o sujeito da ação, nem tampouco do contexto sócio - cultural e econômico, onde ele se insere. O interesse em problematizar as relações de gênero sugere uma discussão a respeito das relações entre os atores e as práticas sociais.

"... os itinerários de homens e mulheres não podem ser reduzidos a simples efeitos mecânicos de uma mesma identidade cristalizada de uma vez para sempre, ou não haveria história. Daí a importância das análises que têm por objeto as práticas sociais e as instituições, onde as relações de gênero se constroem". (LOBO, s/d:80)

Acreditamos, nesse sentido, que pensar a situação da mulher atuante, a partir de como representa, na sua fala, essa atuação, poderá contribuir para as discussões que atualmente se travam, sobre a questão feminina e suas especificidades.

A temática desta dissertação será distribuída em 03 capítulos. No primeiro capítulo, GÊNERO: UM RECURSO ANALÍTICO, trataremos de recompor a discussão numa abordagem teórica das relações de gênero como

instrumento de compreensão do posicionamento e do comportamento dos indivíduos no mundo do trabalho, bem como das relações sociais entre homens e mulheres. Neste momento, abordaremos as relações de gênero partindo de uma referência às representações como categoria de apoio à compreensão das informações contidas nos discursos.

No segundo capítulo - O TRABALHO DA MULHER - discutiremos a divisão sexual do trabalho baseando - nos naqueles autores que utilizam a dominação masculina e discriminação feminina como categoria analítica. Em decorrência dessas reflexões, abordaremos as mudanças que se manifestam lentas, mas efetivas e que exigem, paralelamente, um aprofundamento acerca do processo de "feminização" e "masculinização" dos espaços ocupados por homens e mulheres.

Nesse trabalho nos propomos discutir os elementos discriminadores que, de uma forma ou de outra, dão conta das diferenças dos papéis masculinos e femininos no mundo do trabalho.

No terceiro capítulo - TRABALHO E CONDIÇÃO FEMININA: AS MULHERES FALAM - trataremos de descrever e refletir sobre as falas das mulheres. Aqui é o momento da análise dos dados empíricos, através dos quais apresentaremos a realidade vivida pelas mulheres entrevistadas, a partir de suas experiências e expressão de suas opiniões sobre a condição feminina e masculina. Ao mesmo tempo, refletiremos sobre os seus desejos de mudança, do papel feminino.

Entendemos que a participação da mulher no âmbito social se dá de diferentes formas. Malgrado os estereótipos que convencionam que essa participação deva ser de uma determinada maneira ou de outra, elas, têm suas opiniões formadas e seus anseios. Embora essas opiniões muitas vezes não ultrapassem a esfera pessoal, elas são significativas uma vez que se refletem nos seus comportamentos e nas suas atitudes.

Assim colocado o problema, destacamos algumas questões que no nosso entender são relevantes, tais como: De que maneira as mulheres trabalhadoras definem a condição feminina e a masculina? Como elas avaliam a sua prática e o seu papel na sociedade? Ao ocuparem espaços masculinos e femininos, elas se comportam conforme os papéis definidos nos seus discursos?

Partindo desses questionamentos realizamos a nossa pesquisa no intuito de trazer subsídios às discussões que hoje se travam sobre esta temática.

Apresentaremos um quadro geral do município ao qual nos referimos, descrevendo determinadas características típicas da região, incluindo dados sobre alguns tipos de atividades industriais e comerciais predominantes. Acreditamos que, com base nessa sucinta demonstração, fornecermos ao leitor uma idéia geral sobre o universo habitado pelas entrevistadas - principais sujeitos de nossa pesquisa.

CARACTERÍSTICAS GERAIS:

BREJO DO CRUZ

O município de Brejo do Cruz está localizado na micro - região 89, cujo polo é a cidade de Catolé do Rocha. Possui uma área de 577 Km² de toda região, cujo total é de 2.954 Km². Pertence ao Sertão do Piranhas, cuja área é de 13.460 Km². Limita - se com Belém de Brejo do Cruz, Catolé do Rocha, Riacho dos Cavalos, São Bento, Jardim de Piranhas(RN), Jucurutu(RN) e Janduís(RN). Sua distância para a capital é de 380 quilômetros. Possui uma altitude de 190 metros acima do nível do mar; tem clima temperado. A escassez de chuvas é típica da região, da mesma forma que é comum a retomada das chuvas intensas após o período de estiagem (que, às vezes, dura até quatro anos). O resultado dessas cheias são danos iguais, ou até mesmo piores, aos das secas, como, pôr exemplo, arrombamentos de açudes, quebras de estradas, e a perda da cultura a ser produzida.

Sua principal fonte de divisas é a pecuária, em seguida a lavoura, tendo como principais produtos o arroz, o feijão, o milho, o algodão e a cana - de - açúcar. Ao redor dos açudes do município, há a plantação da cana e vários tipos de capins que servem para alimentar os rebanhos nos meses de estiagem.

O setor industrial de Brejo do Cruz é carente. Constitui - se de poucas fábricas de miniporte, atendendo basicamente o comércio local e circunvizinho. Há na cidade o fabrico de sabão, de redes e de painéis de alumínio; há também serrarias e máquinas de beneficiamento de arroz. A principal atividade produtiva que gera empregos diretos e indiretos é a fabricação de redes de dormir, que são produzidas, em sua grande maioria, em teares manuais.

TABELA 1 - ATIVIDADES INDUSTRIAIS - 1970/1980

Atividades Industriais	1970	Atividades Industriais	1980
*Estabelecimentos pessoal ocupado em 31/12/70	8 32	* Estabelecimentos pessoal ocupado em 31/12/80	38 298
ligado à produção média mensal de pessoal ocupado	21 22	ligado à produção média mensal de pessoal ocupado	188 294
* Química estabelecimentos	1	* Transformação de produtos minerais não metálicos estabelecimentos pessoal ocupado ligado à produção média mensal do pessoal ocupado	6 56 49 55
* Perfumaria, sabões e velas estabelecimentos	1	* Perfumaria, sabões e velas estabelecimentos	1
* Têxtil estabelecimentos	1	* Têxtil estabelecimentos pessoal ocupado ligado à produção média mensal do pessoal ocupado	21 191 114 189
* Produtos alimentares estabelecimentos pessoal ocupado média mensal do pessoal ocupado	5 5 7	* Produtos alimentares estabelecimentos pessoal ocupado ligado à produção média mensal do pessoal ocupado	6 30 15 29
		* Metalúrgica estabelecimentos	2
		* Madeireira estabelecimentos	1
		* Mobiliário estabelecimentos	1

FONTE: FIBGE

Percebe - se, nessa tabela, que houve um aumento no número de estabelecimentos industriais entre uma década e outra de quatro vezes, o que repercutiu no emprego de mão - de - obra.

Esse aumento no número de estabelecimentos englobou, pôr sua vez, o aumento no número de atividades industriais.

O setor comercial do município é pouco diversificado, ocasionando o deslocamento de habitantes para as cidades mais próximas. Os produtos agrícolas são destinados, na sua maioria, ao auto - consumo, e o excedente é comercializado, na maioria das vezes, nas feiras públicas semanais. A produção de algodão mantém - se no município no comércio entre sócios e Cooperativa, sendo, algumas vezes, enviado para outros centros. Outras atividades são o artesanato - cerâmica, crochê, rendas, trabalhos com bonecas, bordados à mão, em tapetes, etc.. Os artesãos enfrentam grandes dificuldades financeiras além de falta de orientação técnica, o que impossibilita que estes trabalhos beneficiem a vida econômica do município.

TABELA 2 - ATIVIDADES COMERCIAIS - 1975/1980

Atividades Comerciais	1975	1980
* estabelecimentos	46	69
pessoal ocupado	66	117
média mensal do pessoal ocupado	66	117
* Comércio varejista		
estabelecimentos	46	67
pessoal ocupado	66	(*)
média mensal do pessoal ocupado	66	(*)
* Produtos alimentícios, bebidas e fumo		
estabelecimentos	36	47
pessoal ocupado	49	77
média mensal do pessoal ocupado	49	77
* Produtos farmacêuticos, odontológicos da flora medicinal, de perfumaria, veterinários, de limpeza e higiene doméstica e produtos químicos de uso na agricultura e para outros fins.		
estabelecimentos	1	2
* Tecidos, artefatos de tecidos, artigos do vestuário, roupas e acessórios especiais para segurança pessoal e artigos de armarinho		
estabelecimentos	6	10
pessoal ocupado	9	12
média mensal do pessoal ocupado	9	12
* Máquinas e aparelhos elétricos e não - elétricos de uso doméstico; móveis, artigos de colchoaria e tapeçaria, objetos de arte e antiguidades; artigos de uso doméstico para serviço de mesa, copa e cozinha		
estabelecimentos	1	3
pessoal ocupado		10
média mensal do pessoal ocupado		10
* Combustíveis e lubrificantes		
estabelecimentos	1	1

FONTE: FIBGE

Podemos constatar, pôr esta tabela, que houve um aumento de 50% no número de estabelecimentos comerciais num período de 5 anos, e, conseqüentemente, do pessoal ocupado. Infelizmente não podemos avaliar esses dados tomando como referência os anos noventa (nem tampouco os dados referentes às atividades industriais) porque não foi realizada essa análise estatística pelo IBGE (que deveria ser feita de cinco em cinco anos). Desse modo, só tivemos acesso às informações estatísticas correspondentes às décadas de setenta e oitenta.

* Resultado omitido a fim de evitar a identificação do informante.

Descreveremos, o quadro de participação feminina do município, principalmente com relação às atividades contempladas no nosso estudo. Nosso intuito é o de mostrar, numericamente, a atuação das mulheres, não de maneira exaustiva, pois não tivemos acesso suficiente às informações, mas de forma que possamos ilustrar a predominância ou não da participação feminina nos espaços aos quais nos referimos. Logo após o esclarecimento destas informações, descreveremos nossos procedimentos metodológicos, identificando as etapas por que percorremos e a forma como nos aproximamos e obtivemos as informações de nossas entrevistadas.

PARTICIPAÇÃO FEMININA

Como já assinalamos anteriormente, nosso grupo de entrevistadas é constituído de 16 mulheres: a Rezadeira, a Enfermeira, a Assistente Social, a Presidente da Câmara, a Historiadora, a Marceneira, a Costureira, a Sapateira, a Funcionária do S.T.R., a Tabeliã, a Oficial do Registro Civil, a Diretora da Escola Primária, a Artesã e dona da fábrica de tapetes, a Dona do Posto de gasolina, Maria Olívia e a Fazendeira. Tendo em vista que não é nossa preocupação, nesse estudo, analisar e compreender as condições da força de trabalho feminina, apresentamos alguns dados do município que, apenas como efeito de demonstração estatística, nos fornecerá, mesmo que precariamente,

alguns subsídios para a identificação do quadro de participação quantitativa feminina.

TABELA 3 PARTICIPAÇÃO DE HOMENS E MULHERES EM
ATIVIDADES DIVERSAS - 1970/1980

Setor de atividade	1970		Setor de atividade	1980	
	H	M		H	M
Agricultura, pecuária, silvicultura, extração vegetal, caça e pesca	2653	41	Agropecuária, extração vegetal e pesca	2739	95
Atividades industriais	105	0	Indústria de transformação	282	897
			Indústria de construção	134	-
			Outras atividades industriais	48	-
Comércio de mercadorias	75	6	Comércio de mercadorias	149	140
Prestação de serviços	22	62	Prestação de serviços	79	186
Transporte, comunicação e armazenagem	53	4	Transporte e comunicação	83	-
Atividades sociais	18	60	Atividades sociais	30	306
Administração pública	42	6	Administração pública	51	43
Outras atividades	20	7	Outras atividades	9	5

obs: A população não economicamente ativa em 1970 era de 8.805, sendo que, deste número, 522 estavam em condições inativas. Em 1980, a população não economicamente ativa era de 4.587, e, deste número, 886 pessoas eram inativas.*

* Não conseguimos colher informações mais recentes, porque não foi efetivado o censo econômico, na década de noventa, especificamente nos municípios, segundo informações de um funcionário do IBGE.

Podemos constatar, portanto, que houve um acréscimo em quase todos os setores de atividades: no setor de agropecuária, extração vegetal e pesca; no setor industrial; no setor do comércio de mercadorias; no setor de atividades sociais; e no setor de administração pública. No setor de prestação de serviços, o aumento na participação masculina de uma década para outra foi um pouco maior que o da participação feminina, e no de transportes e comunicação apenas a masculina cresceu. Nas outras atividades, houve um decréscimo nas duas participações, mesmo considerando que as mulheres se destacaram um pouco mais que os homens.

Embora não possamos identificar, especificamente, através da presente tabela, as atividades desempenhadas pelas mulheres, às quais nos referimos no nosso estudo, destacaremos outros dados a respeito das funções exercidas pelas nossas entrevistadas:

No que diz respeito ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, segundo informações da nossa entrevistada, que é funcionária da entidade desde a sua fundação, apenas cinco mulheres exerceram funções no interior do Sindicato durante todo o período de sua existência. Em 1971 - ano em que o Sindicato foi fundado - Francisca G. Dutra (nossa entrevistada) iniciou como secretária, e, pouco tempo depois, saiu da diretoria e permaneceu como funcionária até hoje; a partir de 1974

outra mulher - Geralda Francisca de Farias - se engajou no Sindicato como funcionária, onde continua atuando, especificamente, como atendente. Nos anos oitenta, outra mulher atuou como secretária durante um mandato - Francisca O. da Silva - e se afastou logo em seguida. Nos anos noventa, mais duas mulheres atuaram como funcionárias do Sindicato: Esmeralda D. da Silva (médica) e Severina A. de Araújo (dentista), sendo que, destas, apenas a última continua no Sindicato. Portanto, ao todo houve cinco mulheres exercendo atividades no Sindicato, entre as quais três dão prosseguimento às suas atividades no interior da entidade. Vale salientar que a nossa entrevistada é a única entre estas mulheres que atua no Sindicato desde a sua fundação.

A participação feminina na política do município teve início no ano de 1983. Nestes doze anos, 4 mulheres foram eleitas vereadoras em Brejo do Cruz, sendo que uma delas (nossa entrevistada) presidiu à Câmara municipal durante dois mandatos. A partir de 1983, o quadro de vereadores do município passou a ser constituído pôr: 1983 - 6 homens e 3 mulheres; 1985 - 6 homens e 3 mulheres; 1987 - 5 homens e 4 mulheres; 1989 - 7 homens e 2 mulheres; 1991 - 12 homens e 1 mulher; 1993 - 11 homens e 2 mulheres e 1995 - 12 homens e 1 mulher.

Portanto, as mulheres só começaram a exercer mandatos na política do município a partir de 1983, como vereadoras e na presidência da Câmara Municipal. De lá para cá, foram 4 mulheres vereadoras e destas, apenas

uma permaneceu em todos os mandatos: Francisca F. Dutra (nossa entrevistada).

No município de B. Cruz encontram - se instaladas 13 Tecelagens e 3 Fábricas de Tapetes. Os proprietários das Tecelagens são todos homens, e as mulheres são proprietárias das Tapeçarias, inclusive as fábricas têm os nomes de suas respectivas donas:

01 - INCOMEC - Ind. e Com. de Redes, Madeiras e Cereais Ltda. (Tecelagem Paraíba) Insc. Estadual: 16.027.701-9 C.G.C. 08.599.144/0001-18. (Três sócios)

02 - AGAMENON DANTAS DA SILVA (Tecelagem) Insc. Estadual: 16.038.372-2; C.G.C. 12.612.651/0001-11 (Não há empregado com carteira assinada).

03 - JOSÉ SILVEIRA GARCIA (Tecelagem) Insc. Estadual: 16.047.354-3; C.G.C. 12.614.244/0001-43 (Não há empregado com carteira assinada).

04 - FRANCISCO DUTRA SOBRINHO (Tecelagem Borborema Ltda) Insc. Estadual: 16.049.150-9; C.G.C. 12.663.621/0001-34 (Há três empregados com carteira assinada).

05 - TECELAGEM SANTO AMARO LTDA (Franquinho Diogo) Insc. Estadual: 16.053.427-5; C.G.C. 09.332.651/0001-53 (Há dois empregados com carteira assinada).

06 - J.M. DUTRA CAVALCANTE (João Maria Dutra - Tecelagem) Insc. Estadual: 16.062.898-9; C.G.C. 08.745.580/0001-58 (Não há empregados com carteira assinada).

07 - J. CASSIMIRO NETO (Teceragem) Insc. Estadual: 16.066.823-9; C.G.C. 08.997.470/0001-83 (Há três empregados com carteira assinada).

08 - G.D. DE ARAÚJO (Teceragem Estrela do Norte) Insc. Estadual: 16.077.538-8; C.G.C. 09.222.662/0001-80 (Há quatro empregados com carteira assinada).

09 - CRISTIANO DUTRA DE OLIVEIRA (Teceragem) Insc. Estadual: 16.085.191-2; C.G.C. 24.500.217/0001-29 (Não há empregados com carteira assinada).

10 - INCOFEC - Ind. e Com. de Fio e Cereais (Teceragem) Insc. Estadual: 16.097.124-1; C.G.C. 41.124.777/0001-45 (Não há empregados com carteira assinada).

11 - JOACIFRAN ALVES DUTRA (Teceragem) Insc. Estadual: 16.097.709-6; C.G.C. 41.153.180/0001-29 (Não há empregados com carteira assinada).

12 - CARLITO DUTRA MONTEIRO (Teceragem) Insc. Estadual: 16.109.059-1; C.G.C. 00.763.551/0001-07 (Não há empregados com carteira assinada).

13 - GENIVAL MOREIRA ALVES (Teceragem) Insc. Estadual: 16.107.987-3; C.G.C. 00.500.060/0001-73 (Não há empregados com carteira assinada).

TAPEÇARIAS:

01 - HILDA FERNANDES MAIA (Tapetes)

(Está se inscrevendo agora)

02 - FRANCISCA DAS CHAGAS GONÇALO (Tapetes)

(Está se inscrevendo agora)

03 - MARIA DE FÁTIMA COSME (Tapetes)

(Está se inscrevendo agora)*

Na cidade, há quatro Escolas Estaduais:

- 01 - Escola Estadual de 1º e 2º graus "Professor José Olímpio Maia".
- 02 - Escola Estadual de 1º grau "Antônio Gomes".
- 03 - Núcleo Avançado de Educação Supletivo - NAES.
- 04 - Projeto Logos.

* Esta é uma de nossas entrevistadas.

Nessas escolas, há 103 professores (20 homens e 83 mulheres). Na Escola Estadual de 1º e 2º graus, há o diretor e uma vice - diretora, e, nas outras, as mulheres estão na direção. A Escola Estadual de 1º e 2º graus foi fundada em 1971, e de lá para cá houve 13 professores que lecionaram o curso de História (especificamos esta disciplina e não outras, já que nos referimos na nossa pesquisa a uma historiadora, aposentada como professora desta escola) dos quais 10 eram do sexo feminino e 3 do sexo masculino. A Escola Estadual de 1º grau foi fundada em 1949, e nestes 46 anos, 5 mulheres assumiram a sua direção, e não houve, pôr sua vez, nenhum diretor do sexo masculino. Vale salientar que entre estas 5 mulheres, duas são nossas interlocutoras da pesquisa: a diretora atual, Rita de Lima, que assumiu a direção em 1992 - e Maria Olívia, que foi diretora dessa escola durante 26 anos (de 1951 a 1977).

Em se tratando do cargo de Assistente Social da Prefeitura Municipal, ele só foi criado em 1984 na gestão do Prefeito João Bosco Fernandes, e foi assumido pela primeira dama do município Enedina Aranha (nossa entrevistada). Portanto, ela foi a única a exercer essa função na Prefeitura Municipal.

Segundo depoimento da Oficial do Registro Civil - F. Lúcia S. Fonseca -, o Cartório do Registro Civil foi fundado em 1889. Até 1964, houve 5 titulares homens. De 1964 a 1984, a esposa do então proprietário do

cartório e escrevente - Benedita S. Nobre - passou a ser a primeira mulher como titular. Em 1984, com a sua aposentadoria, F. Lúcia S. Fonseca, sua filha, assumiu o cargo como Oficial do R. Civil. Portanto, durante 75 anos, este cargo foi exercido pôr homens, e as mulheres vêm assumindo essa posição há 31 anos.

É sabido pela população de B. Cruz que atividades como a de Costureira, Enfermeira e Rezadeira sempre foram exercidas pôr mulheres. Não localizamos dados a respeito da quantidade de mulheres que assumiram em determinada época, ou a partir de determinada época, essas tarefas.

Não foi possível acrescentarmos outros dados a respeito da inserção masculina e feminina nas atividades de Marceneira, Sapateira, Fazendeira, Tabeliã e controle do Posto de Gasolina, devido à ausência de fontes - documentos e registros -. Com relação às informações das entrevistadas, essas são tarefas masculinas, pois não é do conhecimento de nenhuma delas que outras mulheres tenham assumido essas funções anteriormente, ou que estejam atualmente exercendo.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa advém de um trabalho que já havia sido iniciado há sete anos nos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR) de alguns municípios do sertão da Paraíba, cujos sujeitos analisados eram os

seus membros integrantes das diretorias: Presidentes, Secretários, Tesoureiros, Conselheiros ficais - homens e mulheres*. Inclusive uma de nossas entrevistadas - a funcionária do S.T.R. - também foi nossa interlocutora em pesquisa anterior, tendo sido, portanto, aproveitada boa parte da primeira entrevista, e acrescentadas outras questões concernentes às novas preocupações. Na presente pesquisa, distinguimos quatro momentos:

1º momento: Contactamos, naquela cidade, antigos moradores, e, a partir de conversas informais, indagamos a respeito das mulheres que se destacavam pelo exercício de suas atividades. Com isso, tínhamos à disposição alguns nomes com os respectivos avais daqueles antigos moradores, conhecedores da região e de sua história. Foram selecionados, a partir de então os nomes de mulheres que sempre foram citados pôr todos os informantes, e a partir de então, definimos quais seriam nossas interlocutoras. Constituía, ao todo, 16 mulheres - A Assistente Social da prefeitura, a Historiadora (professora aposentada da escola do 2º grau), a Presidente da Câmara Municipal e Vereadora, a Marceneira, a Sapateira, a Tabeliã, a Oficial do Registro Civil, a Costureira, a Enfermeira, a Rezadeira, a Fazendeira, a Dona do Posto de Gasolina, a Dona da

* Já foram esclarecidas, na parte introdutória, as principais questões contidas naquela pesquisa.

Fábrica de Tapetes e Redes, a Diretora da Escola primária, a Funcionária do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, e Maria Olívia (não identificamos esta última com uma atividade específica porque são vários os motivos pelos quais ela se tem destacado nos depoimentos dos antigos moradores. Uns ressaltam sua participação na área de saúde, outros apontam seu trabalho como fazendeira, outros lembram a época em que a mesma assumiu a direção da escola primária, e outros enfatizam o seu poder diante da sua família - que é tradicional naquela região.)

2º momento: Contactamos parte das mulheres selecionadas: a Marceneira, P. da Câmara, A. Social e Historiadora, e gravamos entrevistas semi - estruturadas, cujo objetivo era levantarmos a história de vida dessas mulheres, desde suas origens até o momento em que estavam exercendo suas tarefas. Utilizamos, paralelamente, um roteiro de perguntas facilitando, assim, o controle de nossas questões, onde eram abordados aspectos de suas vidas, suas escolhas, suas dificuldades, seus desejos e suas opiniões pessoais.

3º momento: Entrevistamos as outras mulheres escolhidas: a Fazendeira, a Rezadeira, a dona da Fábrica de tapetes, a Oficial do Registro Civil, a Sapateira, Maria Olívia, a Tabelaia, a Diretora da Escola primária, a Enfermeira, a Costureira, a Funcionária do S.T.R. e a dona do Posto de Gasolina.

4º momento: Fizemos levantamento do material existente em alguns órgãos como: Prefeitura Municipal e Biblioteca Municipal, a fim de obtermos os principais dados a respeito do município como: população, características, origem, costumes, etc.

Finalmente, coletamos informações nos censos populacionais.

CAPÍTULO - I

GÊNERO UM RECURSO ANALÍTICO

CAPÍTULO I

GÊNERO: UM RECURSO ANALÍTICO

O termo gênero, como tem sido utilizado por pesquisadores e acadêmicos, principalmente pelas interpretações feministas, denuncia a diferenciação entre atributos culturais destinados aos sexos e a dimensão sexual biológica humana. Ou seja, a concepção de gênero implica na análise dos elementos biológico e cultural como indicadores distintos que estão permanentemente interligados ao cotidiano das pessoas, e que se misturam tão fortemente ao ponto de serem confundidos como se fossem uma coisa só.

A dimensão cultural de gênero é denunciadora do social e não do natural. O gênero ultrapassa os limites sexuais e abrange os sistemas econômico, político, religioso, etc. Isto porque a cultura se corporifica em todas as manifestações cotidianas, as quais se nos apresentam e se nos impõem, o que implica em reconhecer que os termos masculino e feminino possuem significados distintos conforme às delimitações sociais. A categoria de gênero deve ser utilizada, portanto:

"como construção simbólica do feminino e do masculino, mutáveis em cada forma de organização social e histórica".

(BANDEIRA e OLIVEIRA, 1991:63).

As relações de gênero atingem as diversas esferas da vida humana. Com isso, há uma tendência de se desfazerem as dicotomias público/privado, produção/reprodução. Encarar a relação homem - mulher a partir dessa nova perspectiva é perceber o masculino e o feminino numa maior amplitude, dando importância, principalmente, as situações específicas e variadas vividas e compactuadas por homens e mulheres. Ao invés de tentarmos localizar a mulher na cozinha ou na rua, na produção ou na reprodução, pensamos sobre a sua presença em todos esses espaços ao mesmo tempo, pois em quaisquer dessas esferas as relações de gênero são construídas por homens e mulheres. É através das experiências vividas ou da fala que podemos perceber de que forma se constroem e se elaboram o feminino e o masculino, na perspectiva de que um não pode ser pensado nem visualizado sem o outro, de que a existência de um depende, necessariamente, da existência do outro.

"Gênero, como substituto de "mulheres", é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é, necessariamente, informação sobre os homens, porque um implica no estudo do outro. Este uso implica no fato de que o

mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado dentro e para esse mundo".

(SCOTT, 1989:04).

Contudo é importante salientar que não há, necessariamente, uma relação de oposição. Nesse sentido, cada ser humano é a história de suas relações sociais.

"Não se trata, pôr conseguinte, de uma relação diádica de oposição. De uma ilimitada variedade de formas, os outros podem ser similares ou diferentes (...). Quando se concebe o EU e o OUTRO como seres análogos, as relações entre as pessoas se processam através da identificação e da diferenciação (...). Desta sorte, os seres humanos só podem ser adequadamente entendidos nas suas relações com outros seres humanos. Deste ângulo, a pessoa é entendida como um ser relacional e histórico".

(SAFFIOTI, 1992:210).

Entendendo, ainda, que o gênero é uma construção social, reconhecemos a responsabilidade de diversos setores sociais nessa construção. Pôr isso, é que a atenção tem que ser voltada aos sistemas simbólicos,

"às maneiras como as sociedades representam o gênero, o utilizam para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência".

(SCOTT, 1989:10).

Isso significa que a oposição binária entre os sexos não deve ser encarada como um aspecto permanente da humanidade, o que redundaria na reprodução do antagonismo, ao invés do questionamento sobre a oposição em si mesma e da reflexão com base na sua historicidade.

Essa tarefa de analisar as relações de gênero para o entendimento das relações sociais entre homens e mulheres consiste na desnaturalização dessa oposição binária. As categorias binárias implicam numa necessária relação: o escuro subentende o claro; o novo, o velho; o inferior, o superior; o masculino, o feminino. Uma vez que ao gênero corresponde a dicotomia natureza/cultura, ele é relacional, o que implica que os

"indivíduos são transformados, através das relações de gênero, em homens ou mulheres, cada uma destas categorias - identidades excluindo a outra".

(SAFFIOTI, 1992:187).

O conceito de gênero é constantemente empregado, também, na dependência à questão da hierarquia enquanto organizadora da estrutura binária dos padrões de classificação. Neste sentido, Heilborn, numa referência a Hérítier, enfatiza que

"Trata - se de uma ordenação do mundo hierarquizada em termos de um princípio

de valor, que promove densidades diferenciadas a cada plano e a cada categoria em jogo". (1992:104)

O gênero é uma construção social diferenciada e hierarquizada, de forma que ao feminino são atribuídas características tais como: inferior, submisso, frágil, e ao masculino: superior, forte, viril, (havendo uma hipervalorização das características masculinas paralelamente à desvalorização das características ditas femininas). Percebe - se que as relações de gênero trazem a marca da dominação. Scott enfatiza que

"A articulação do conceito de classe no séc. XIX baseava - se no gênero. Quando, por exemplo, na França, os reformadores burgueses descreviam os operários em termos codificados como femininos (subordinados, fracos, sexualmente explorados como as prostitutas), os dirigentes operários e socialistas respondiam insistindo na posição masculina de classe operária "produtores fortes, protetores das mulheres e crianças". (1989:19).

A desbiologização dos sexos e a incorporação dos gêneros masculino e feminino como categorias analíticas nos leva a perceber a relação entre estes como elemento relevante no estudo das sociedades. Isso porque, partindo do princípio de que as diferenças

hierarquizadas entre os sexos são atribuições sócio - culturais, identificamos com maior nitidez (pelo menos a nível imediato) o funcionamento estrutural constituído pelas próprias relações de poder. Scott afirma:

"... o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder".

Isso se explica, basicamente, pelo fato de que uma sociedade baseada nas diferenças sexuais e sociais

"... que distribui, através da história, lugares para homens e mulheres, que atribui qualidades e aptidões, estabelece hierarquias enraizadas nestas mesmas qualidades, sejam elas consideradas naturais ou admitidas como construções sociais sem serem, no entanto, questionadas".

(LOBO, 1987:95).

Assim, o gênero, por ser uma construção social, se expressa nas atitudes, nos valores, no cotidiano, nas atividades pública e privada de homens e mulheres, que

"fazem com que (...) sejam vistos como tendo "naturezas" diferentes que as fariam aparecer como socialmente diferentes".

(GALVÃO, 1991:449)

A ótica das relações de gênero é a ótica das subjetividades, dos significados, e o problema aqui não é mais localizar as causas da dominação de um sexo pelo outro, mas buscar os significados e as condições de construção das relações de gênero (LOBO, s/d:81). A autora apoiando - se em Scott, coloca que as relações de gênero constituem, além de assimetrias, relações de poder. Para Scott

"O gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder (...) é um campo primeiro, no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado". (1989:16).

Mesmo não pretendendo nos aprofundar na discussão sobre o poder, é importante sublinhar essa questão pelo simples fato de constatarmos mais um elemento significativo das relações sociais entre os sexos - a hierarquia - com a qual convivemos no dia a dia, na forma de distribuição dos cargos e salários até a desqualificação do trabalho exercido pela mulher.

A dominação masculina sobre as mulheres tem se verificado em todas as sociedades com variações de lugar para lugar e de época para época, o que redundou na sua naturalização. Contudo isto não significa uma total neutralidade e passividade por parte das mulheres. Isto implica em lutas entre os sexos, ora para preservar o

seu controle (no caso dos homens), ora para fazer valer sua cidadania (no caso das mulheres). Como assinala Saffioti:

"Em todas as sociedades conhecidas, as mulheres detêm parcelas de poder, que lhes permitem meter cunhas na supremacia masculina e, assim, cavar - gerar espaços nos interstícios da falocracia. As mulheres, portanto, não sobrevivem graças exclusivamente aos poderes reconhecidamente femininos, mas também mercê da luta que travam com os homens pela ampliação - modificação da estrutura do campo do poder 'tout - court'. Como na dialética entre o escravo e o senhor, homem e mulher jogam, cada um com seus poderes, o primeiro para preservar sua supremacia, a segunda para tornar menos incompleta sua cidadania". (1992:184)

A forma como se dá a organização social de gênero afeta inclusive as estruturas inconscientes, daí que não só os fatos perceptivelmente concretos como o tipo de trabalho, os comportamentos de homens e mulheres são percebidos sob essa ótica da relação social de gênero, como também as representações mais sutis desses fatos e desses comportamentos, que se expressam nas falas e nas atitudes.

Uma vez que a diferença dos sexos é construída socialmente, ela só pode vir a ser compreendida a partir da fala dos sujeitos sociais.

"A diferença dos sexos e seu nó de diferença é da ordem do discurso. Ninguém sabe o que mulher (ou homem) quer dizer, a não ser na escuta do que uma mulher diz. Aquela que fala não sabe quem ela é (nem quem é o outro) mas ela fala, ela é aquela que fala e quer ser entendida naquilo que ela diz. A diferença é teoricamente indecível, mas ela se decide e se redecide em toda relação".

(COLLIN, 1992:11)

Ao utilizarmos esse conceito de representações, fazemos na perspectiva de que, ao se revelarem nas práticas e nos discursos, nos comportamentos e nas atitudes, elas constituem um sentido próprio da vida, criam uma força independente a partir da qual se revela um modo de ser diante da vida e do mundo. Elas são expressões simbólicas dos costumes e instituições sociais. São as representações, portanto, o falar, o sentir, o agir, o reagir, o pensar que se corporificam nas práticas cotidianas, e destas ressurgem.

"Uma vez que a observação revela a existência de fenômenos chamados representações, que se distinguem por

características particulares dos demais fenômenos da natureza, contraria qualquer método o tratá - los como se não existissem. Eles, por certo, têm suas causas, mas são, por sua vez, causas de outros fenômenos".

(DURKHEIM, :18).

O que o autor define aqui como representações são os vestígios, os sinais que são deixados pela nossa vida passada, num processo muitas vezes inconsciente, o qual nos submete imagens, conceitos, hábitos, que nos fazem mover, lutar, refletir. Portanto, as representações, ao invés de simples idéias sobre a vida, sobre a realidade, consistem, antes de tudo, em "*fenômenos reais, dotados de propriedades específicas...*"(p.29).

Neste contexto, o conceito de representações deve ser compreendido como relações estabelecidas entre os indivíduos e entre estes e a sociedade, como forma vital de comunicação entre o indivíduo e a sociedade, como sendo a própria realidade da vida, como materialização do pensamento e como idealização da realidade material. Entretanto, Durkheim se refere, nesse momento, às representações coletivas. Para o autor, estas se revestem de uma força moral se diferenciando e até mesmo se opondo às representações individuais que, sozinhas não têm relevância, nem tampouco poder de mudança no conjunto da sociedade.

Sem ousarmos discordar do poder das representações coletivas, e também sem quisermos aprofundar essa questão apenas acrescentamos que, na nossa abordagem, é de grande interesse nos centrarmos e nos referirmos à questão das representações individuais. Cada relato individual, cada prática específica subentende modos de pensar e de agir coletivos, embora resguarde sua especificidade, uma vez que cada indivíduo ou grupo de indivíduos ao reproduzir uma prática de vida ou um pensar sobre essa prática o faz com novas propriedades, preservando certa individualidade.

É nesse sentido que muitas vezes o pensar e o sentir não necessariamente se confundem com a experiência, com a vivência. Mesmo considerando a importância e a força dos valores, dos hábitos, dos costumes na formação dos indivíduos, esses mesmos valores, hábitos e costumes às vezes não correspondem aos sentimentos e ao pensamento, pois se assim o fosse não haveria nenhum tipo de mudança na sociedade.

O que importa mencionar nesse sentido é que o estudo com base nas relações de gênero deve levar em conta amplos fatores sociais, além daqueles diretamente ligados às nossas identidades masculinas e femininas.

"As relações sociais de gênero não só constituem nossas identidades subjetividades masculinas e femininas, mas traduzem - se também em concepções de vida,

representações, significações e em práticas individuais e coletivas".
(ARRAZOLA, 1993:14).

Nesse sentido, utilizamos o conceito de representações sociais na perspectiva de união e não de divisão entre as esferas individual e coletiva. Uma e outra interagem e se comprometem na tradução e vivência da realidade social. Acreditamos que

"as representações sociais enquanto fenômeno psicossocial, estão necessariamente radicadas no espaço público e nos processos através dos quais o ser humano desenvolve uma identidade, cria símbolos e se abre para a diversidade de um mundo de Outros".

(JOVCHELOVITCH, 1994: 65)

A fala como instrumento de comunicação e ação confirma essa diversidade e unidade que caracterizam a vida individual e coletiva. As representações sociais transparecem, dessa forma, na comunicação e nas práticas sociais e culturais através do discurso, do diálogo, dos rituais e da produção.

Ao analisarmos uma dada situação social, com base nos depoimentos dos atores que vivem e convivem com essa realidade, entendemos que o conhecimento desses atores sobre sua experiência de vida é fundamental na atribuição de significados e na relevância destes para a

sua ação. Numa referência a Pierre Bourdieu, Minayo enfatiza:

"a palavra é o símbolo de comunicação por excelência porque ela representa o pensamento. A fala, por isso mesmo, revela condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos e tem a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio - econômicas e culturais específicas". (1994:103)

Em outro momento Bourdieu observa que a publicação ou a transmissão das experiências individuais de certa forma representa a ordem social:

"A capacidade de fazer existir em estado explícito, de publicar, de tornar público, objetivado, visível, dizível, oficial, aquilo que permanecia em estado de experiência individual, representa um considerável poder social, o de constituir os grupos, constituindo o senso comum, o consenso explícito de qualquer grupo". (1989:142)

Todavia, é fundamental observarmos que as representações sociais não reproduzem de forma absoluta a realidade, mas devem ser entendidas como expressão dessa realidade.

"Pela sua vinculação dialética com a realidade, a compreensão da fala exige ao mesmo tempo a compreensão das relações sociais que ela expressa. Porque as palavras não são a realidade, mas uma fresta iluminada: representam!"

(MINAYO, 1994:110)

Entre o fato social e o comportamento individual há elementos intermediários que são responsáveis pela mentalização do primeiro. Isso nos leva a crer que as representações possuem uma relativa autonomia frente aos fatos sociais, e que, por isso mesmo, o fato de um sujeito pertencer a um determinado grupo social não é suficiente para explicar seu comportamento. Nesse sentido, concordamos com Wagner, numa referência a Devereux, no sentido de que entre as duas esferas - fato social e comportamento individual - há uma representação mental. (1994)

De maneira que podemos concluir que as representações sociais de gênero são internalizadas gradualmente ao longo da história dos sujeitos. Duveen(1994) enfatiza que

"ao serem internalizadas, as representações passam a expressar a relação do sujeito com o mundo que ele conhece e, ao mesmo tempo, elas o situam nesse mundo. É essa dupla operação de definir o mundo e localizar um lugar

nele que fornece as representações o seu valor simbólico". (p.267)

Uma vez internalizadas essas representações de gênero, passamos a identificar os outros e a nos identificar como homens ou mulheres. O que, de início, não era senão uma determinação externa, se transforma numa tomada de consciência de cada ator social.

"Para a criança recém - nascida, identidade de gênero são, no início, externas. Elas se apresentam a criança através de práticas de outros. O que nós vemos no desenvolvimento das representações sociais de gênero é um tomar consciência, em que a criança desenvolve uma consciência reflexiva dos significados do ato social de assinalamento a um grupo de gênero".

(DUVEEN, 1994:268)

Ao contrário de Durkheim, a quem nos referimos no início dessa explanação sobre representações, Moscovici e outros estudiosos que se preocuparam especialmente com a análise das representações, não possuem uma visão estática sobre as representações sociais, como se fosse simplesmente algo imposto grotescamente aos indivíduos. Nesse marco teórico, parte - se do pressuposto de que há um processo dinâmico de formação e transformação. Com isso podemos afirmar que as representações sociais não surgem independentemente

dos indivíduos, mas são elaboradas no processo de construção e reconstrução social.

Ultimamente, a partir dos anos oitenta, especificamente, as mulheres passaram a ocupar cenários antes dominados amplamente por homens, o que engendrou mudanças decisivas no comportamento e no pensamento das mulheres, principalmente aquelas de classe média.

"A inserção da mulher de classe média nesses espaços anteriormente dominados pelo homem parece ter levado algumas delas a questionar sua própria condição de "homens inferiores" dentro daqueles espaços, a ver a desigualdade com base em gênero como um problema político".

(ALVAREZ, 1988:327).

Pode - se constatar uma mudança no comportamento feminino no que diz respeito à reivindicação de seus direitos no plano profissional.

A análise com base no gênero permite, portanto, a compreensão da condição social desigual entre homens e mulheres. Trataremos, dessa questão, a seguir, no capítulo sobre a divisão sexual do trabalho, onde discutiremos, com base nas descrições e reflexões sobre a posição de mulheres e homens no processo produtivo, as desigualdades de gênero.

CAPÍTULO - II

O TRABALHO DA MULHER

CAPITULO II

O TRABALHO DA MULHER

Sabemos que, ao longo da história, a mulher foi condicionada a ter determinados comportamentos que se adequassem à moral burguesa, quando se exigia da parte dela a fragilidade, a timidez, a paciência e a subordinação ao homem, e no que tange ao trabalho, que se dedicasse exclusivamente ao lar, como dona de casa e reprodutora.

Em se tratando da atuação da mulher como produtora, que se fazia necessário, na maioria das vezes, pela própria necessidade de sobrevivência e de "ajuda" no orçamento doméstico, foram designadas a ela tarefas que, de certa forma, dessem continuidade à sua função principal como reprodutora, sendo assim desqualificadas profissionalmente.

Moura refere - se ao trabalho das mulheres da seguinte forma:

"... tecer panos, costurar, pregar botões, passam a compor o universo da mulher reprodutora enquanto atividades - habilidades perfeitamente compatíveis com a natureza feminina, sobretudo à medida que fios, agulhas, carretéis,

acham - se igualmente presentes no universo doméstico e já compõem, portanto, o universo da mulher reprodutora, precedendo a fábrica e a oficina". (1989:85)

Ao homem, por sua vez, foi determinado o controle sexual, moral, financeiro sobre a mulher, e do domínio no espaço público a nível de trabalho e de lazer.

Assim, sempre houve desigualdades a nível de trabalho, repercutindo nas diferenças salariais quando as mulheres eram sempre desfavorecidas, nas relações entre patrões e empregadas, onde eram ainda mais exploradas por serem desrespeitadas sexualmente. Enfim, de muitas maneiras possíveis houve sempre uma forte discriminação contra a mulher nos mais diversos setores da sociedade.

Atualmente, a mulher vem conquistando novos espaços, as relações entre os sexos estão sendo redefinidas, o número de mulheres que atua no mercado de trabalho é bastante significativo, as relações de trabalho também vêm sendo modificadas a favor da mulher.

Em 1970 a taxa de atividade feminina relacionando as mulheres que trabalham com a população feminina de mais de 10 anos, era de 18,2% passando para quase 36% em 1983. (BRUSCHINI, 1985)

Mesmo considerando essas mudanças gradativas e, ao mesmo tempo eficazes, os antigos padrões de comportamento não foram quebrados por completo. Em

algumas situações esses padrões parecem perder lugar para novas e modernas maneiras de ser, e em outros momentos, retrocedem a antigas épocas acompanhadas por velhos rótulos e imagens.

A representação burguesa dos sexos tem forjado o modelo adequado da mulher e do homem, numa época em que o desenvolvimento industrial e urbano da sociedade brasileira se consagravam (séc. XIX), com o intuito de fortalecer o aprisionamento da mulher no espaço privado doméstico, e do homem no espaço público no mundo do trabalho. (RAGO, 1987)

Com isso, os papéis masculino e feminino dentro da sociedade se distinguem de forma que essa distinção desigual passou a ser concebida como obra da natureza, o que implicava numa valorização da força de trabalho masculina e numa desvalorização profissional da mulher. Isso, até um certo ponto, explica comportamentos e opções das mulheres no mundo do trabalho e no mundo pessoal até os dias de hoje.

É indiscutível a ocorrência, hoje, de mudanças efetivas e decisivas no que tange à sexualidade, às relações sociais entre homens e mulheres, aos comportamentos objetivos e subjetivos masculinos e femininos. Esse fato está relacionado a inúmeros fatores tais como a atuação dos movimentos sociais de mulheres e dos movimentos populares e por último à própria modernização da sociedade que exige mudanças no seu quadro geral, ao advento da democracia. Enfim, são

complexos e amplos os diversos ítems sociais responsáveis pela reestruturação dos papéis sexuais.

Em todo caso, o que nos interessa ressaltar diante desse fato, é a presença ainda constante, nos dias de hoje, de tais representações masculinas e femininas que reforçam o modelo tradicional do ser homem e do ser mulher. Acreditamos que isso ocorre, no caso da sociedade brasileira, em todas as localidades embora, em algumas mais expressivamente do que em outras. Sabemos que essa constatação não é nenhuma novidade, tanto no mundo acadêmico, quanto aos olhos da coletividade que vive e convive dentro dessa sociedade. O que ocorre é uma valorização dos papéis tradicionalmente impostos, através dos quais homens e mulheres reforçam os padrões masculino e feminino, aos quais correspondem a força e a coragem, no primeiro caso, e a fragilidade e o medo, no segundo.

Em contrapartida, há o predomínio das funções masculinas em detrimento daquelas associadas à condição feminina. De maneira que tem - se a supremacia do homem sobre a mulher, tanto no espaço privado quanto no espaço público.

No Brasil, por exemplo, em décadas anteriores, as mulheres operárias, especificamente, já assumiam tarefas tradicionalmente de domínio masculino. Esmeralda B. B. Moura(1989:86) enfatiza:

"... se considerarmos a totalidade do setor secundário, a participação da mão - de - obra feminina pode ser observada já na década de 1870 em setores que não os tradicionalmente relacionados ao sexo feminino, como por exemplo, a indústria de calçados, por exemplo, na qual Joaquim Floriano de Godói observa em 1875 que, dentre 1.524 trabalhadores, 81 são mulheres.

Além de calçados, Moura (1989) aponta, com base nos dados adquiridos da Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo, que no final do mesmo século a mão - de - obra feminina se fazia presente em fábricas de fumo, de velas, de fósforos, de bebidas e de sabão, embora essa presença menor que a da mão - de - obra masculina. Mesmo considerando que nessas mesmas fábricas o trabalho feminino não reconhecido no mesmo nível que o masculino (e prova disso é que os salários das mulheres eram bem inferiores, em cerca de 40%), o que importa destacar aqui é que a natureza não justifica as discriminações sexuais.

Na estrutura educacional brasileira, há uma carga de preconceitos no que tange à distribuição dos cargos que delimita a forma de atuação de homens e mulheres no mercado de trabalho e limita as possibilidades de crescimento da força de trabalho de mulheres, já que se estabelece que as mulheres devem exercer tarefas que exijam o uso de elementos femininos

ditos naturais e por outro lado, se exige do homem uma participação de controle, de mando e gerência.

Não há dúvida de que o componente biológico é utilizado como argumento dessa sexualização da força de trabalho. As funções ditas femininas estão em conformidade com as funções de mãe (de assistência aos filhos), de esposa (de assistência ao marido) e de dona de casa (cuidado e limpeza com a casa). O emprego doméstico é identificado diretamente com as atividades manuais da dona de casa. Nessa lógica, outras profissões "femininas" se identificam com os atributos "naturais" da mulher esposa e mãe, como a enfermagem e o magistério. A trabalhadora é encaminhada para essas profissões, dentre outras, pelo processo de socialização e formação dos papéis sexuais.

"A família, a escola e os meios de comunicação se encarregam de despertar e desenvolver, no sexo feminino, expectativas mais baixas com relação ao seu desempenho ou sucesso profissional, ao lado da convicção de que a "vocação" e o idealismo são as razões fundamentais que explicam sua opção profissional".
(BRUSCHINI, 1985:44 a 45)

Mesmo considerando que essa prática da educação brasileira se tem moderado nos últimos tempos, dependendo da localidade observada, bem como das circunstâncias sociais determinadas, ela pode, ainda, se

configurar com bastante firmeza. Maria Inácia d'Ávila Neto confirma esse fato quando analisa a "Condição Feminina no Brasil":

"... as concepções em relação à condição da mulher estão, ainda, muito carregadas de preconceitos em termo dos papéis tradicionais. Preconceitos e ambigüidades que se refletem, reciprocamente, no mercado de trabalho, na estrutura educacional e (de forma mais acentuada) na familiar". (1980:42)

NO entanto podemos inferir mudanças nesse processo, quando presenciamos a demanda por parte das mulheres por carreiras profissionais diversificadas. Porém percebe - se ainda uma tendência em assumir carreiras "femininas" ao mesmo tempo em que as discriminações permanecem. Isso quer dizer que, apesar dos avanços nas conquistas femininas não houve uma ruptura definitiva com o regime patriarcal, caracterizado pela autoridade do pai sobre os filhos e pela obediência da esposa ao marido como continuidade "natural" de sua obediência ao pai, e outras tantas determinações de relações, cuja dominação masculina é predominante. Um exemplo importante da permanência dos costumes patriarcais na nossa sociedade é a vigência dos estereótipos como "carreiras femininas" e "carreiras masculinas".

A determinação de carreiras, de qualificações, de promoções, de cargos obedece a uma ordem sexual, o que implica em determinações de força; isso porque *"a relação de trabalho, como relação social, traz embutida uma relação de poder entre os sexos"*. (LOBO,1992:262)

As diferenças existem, naturalmente, e deste princípio a sociedade não pode prescindir. São diferenças de raça, de idade e de cor, basicamente, que em qualquer lugar, época e cultura nos deparamos. As diferenças não implicam, num tratamento desigual e discriminador entre os indivíduos e grupos, o que, portanto, só pode ser compreendido com base nos regimentos culturais que determinam, conforme suas necessidades e interesses, a hierarquia dos grupos e dos indivíduos. (,1995)

Como já dissemos anteriormente, ser mulher e ser homem, com suas atribuições e papéis diferentes e desiguais, está determinado socialmente. As desigualdades são apreendidas como diferenças ou como a essência das diferenças, o que quer dizer que, culturalmente, ser diferente implica em ser desigual.

Tendo em vista esse fato, não podemos deixar de considerar que a mulher é reprodutora, essa função porém não justifica as desigualdades.

*"... não se poderia sem má - fé
considerar a mulher unicamente uma
trabalhadora; tanto quanto sua*

capacidade produtora, sua função de reprodutora é importante na economia social como na vida individual". (BEAUVOIR, 1980:78)

Somente a desmistificação da associação natural entre as diferenças e as desigualdades no caso específico da condição feminina, possibilitará que todos os direitos e possibilidades devem lhe ser destinados sem que isso interfira na sua qualidade específica de mulher.

Na origem da história, a escravização da mulher à função reprodutora e, conseqüentemente, o seu condicionamento ao espaço doméstico foi o motivo crucial de impedimento de sua participação no processo produtivo e de sua evolução,

"... não foi a inferioridade feminina que determinou sua insignificância histórica: sua insignificância histórica foi que as votou à inferioridade". (BEAUVOIR, 1980:170 a 171)

Um dos efeitos da associação entre diferenças e desigualdades é a "sexualização das ocupações". Por ser a mulher dotada do poder natural da reprodução, são - lhe atribuídas, como "naturalmente" de sua competência, todas as tarefas correlacionadas ao espaço doméstico. Da mesma forma, ao homem são designadas atividades que

condizem com a sua força e virilidade que, associadas ao poder, lhe conferem o lugar de controle e de mando, supervalorizando, assim, as características masculinas.

Contudo, o próprio desenvolvimento histórico e social motiva muitas mudanças nesse sentido, ao mesmo tempo em que as condições de sobrevivência, muitas vezes raras, exigem novos comportamentos de homens e mulheres frente ao trabalho, quebrando um pouco a barreira da sexualização.

Porém, o fato de homens e mulheres assumirem tarefas tradicionalmente femininas ou masculinas, de forma dessexualizada, não significa, necessariamente, uma mudança nos padrões de comportamentos e atitudes de homens e mulheres face a essas mesmas tarefas bem como à concepção dos papéis masculino e feminino. Alda B. da Mota enfatiza que:

"Do mesmo modo como, nos momentos de inovação tecnológica quanto ao processo de trabalho, ocupações e tarefas tradicionalmente "femininas" tornam - se "masculinas" (exemplo clássico/contemporâneo da indústria têxtil), em momentos de crise econômica e conseqüente escassez de oportunidades de trabalho, também a força de trabalho mais favorecida no mercado, a masculina, pode - dirigir - se para ocupações tradicionalmente definidas como femininas (...) apesar da força incontornável dos ciclos da economia, padrões ideológicos tradicionais

subjazem a esses movimentos, determinando, com repercussão mais ou menos individualizada, surpresas e estranhamentos (e, não raro, preconceitos), contra essas mulheres ou esses homens que desempenham tarefas social ou até legalmente definidas como pertinentes ao outro sexo".
(1991:371/372).

Malgrado a participação feminina em espaços masculinos e a atuação dos homens em espaços femininos sejam atualmente, um fato corrente, é sabido, da mesma forma, que os postos mais elevados, em determinados setores, ficam a cargo dos homens, o que significa, portanto, que a sonhada e reinvidicada igualdade não é confirmada. Dessa forma, subsiste a hierarquia dos cargos em privilégio dos homens, o que se verifica nas empresas, no setor burocrático do Estado, nas fábricas. (MOTTA, 1991).

Na discussão sobre as diferenças e desigualdades, percebemos claramente que as diferenças inerentes entre os sexos acabam sendo transformadas em desigualdades efetivas e, como se sabe, numa relação desigual um dos lados fica prejudicado, inferiorizado quando comparado ao outro. Nesse caso, as mulheres constituem o lado diminuído, o que acaba sendo concebido como consequência lógica da própria natureza feminina, ou seja, de suas características específicas, singulares que, naturalmente, se distinguem das dos homens.

Essa discriminação e desigualdade sexual que a sociedade impõe e fortalece fragiliza e impede a liberdade e o crescimento da mulher, bem como o seu auto-reconhecimento como cidadã capacitada a agir e reagir na luta pelos seus direitos de igualdade, apesar das diferenças sexuais. Isso se concretiza em todos os âmbitos sociais, a exemplo do trabalho:

"... enquanto o trabalho feminino não for visto como um direito de igual participação em atividades ligadas tanto à produção social e à tomada de decisões no âmbito político, este pouco contribuirá para a emancipação das mulheres". (CALABRIA, 1991:389)

No âmbito do trabalho podemos constatar, tanto através da hierarquização dos cargos e tarefas, quanto das relações travadas entre os sexos e do próprio comportamento e dos discursos, a atribuição desigual dos papéis sexuais.

A divisão sexual do trabalho surge, em princípio, como resposta ou como consequência da distinção entre duas esferas: a da produção e a da reprodução. Como esta é, naturalmente, atribuição feminina, é de costume relacionar a feminização com a natureza e a masculinização com o trabalho produtivo.

Assim, ao limitar a capacidade feminina ao dom da reprodução, a sociedade apresenta como o máximo da

participação feminina no processo produtivo, alternativas extensivas à reprodução ou ao espaço doméstico. Feminino, portanto, é sinônimo de lar, mãe, natureza, e portanto, doçura, delicadeza, cuidado, e inúmeras outras características do tipo, amplamente enfatizadas e idolatradas, coagindo dessa forma a mulher aos limites da natureza.

Ademais, uma vez que os próprios conceitos de delicadeza, paciência, cuidado, capricho, e tantos outros concebidos como elementos intrínsecos à natureza feminina são deturpados, enfrenta - se um problema adicional. Portanto ser delicada, paciente, caprichosa, cuidadosa, no trabalho torna - se empecilho ao desenvolvimento acelerado, racional de uma fábrica ou de uma empresa.

Nesse sentido, vale lembrarmos que o espaço público é tido como masculino e o espaço privado como feminino. E essa pré - determinação compromete não apenas o mundo do trabalho, como também o cotidiano repleto de valores, idéias, memórias de homens e mulheres. O universo das mulheres passa a compor as mais variadas formas de tradução e revelação desse mundo privado. Michele Perrot no trabalho "Práticas da Memória Feminina" diz:

"... os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade (...)

Pela força das circunstâncias, pelo menos para as mulheres de antigamente, e pelo que resta de antigamente nas mulheres de hoje (o que não é pouco), é uma memória do privado, voltada para a família e o íntimo, os quais elas foram de alguma forma delegadas por convenção e posição". (1989:15)

Portanto podemos afirmar que a "sexualização da força de trabalho" é a definição exata da divisão de tarefas:

"... as relações de trabalho para homens e mulheres são relações de gênero, de tal forma que a força de trabalho masculina aparece como força livre, a força de trabalho feminina como sexuada. Ou seja, as condições de negociação da força de trabalho, e conseqüentemente, das relações e práticas de trabalho". (LOBO, 1984:15)

A sociedade utiliza então, categorias binárias no seu discurso ideológico para justificar a supremacia do homem. Essas categorias são, dessa forma, colocadas em lados extremos, sendo que cada uma delas representa ou simboliza outras duas categorias binárias: o feminino e o masculino, e esse postulado é antigo. O antagonismo entre esses elementos tem resposta na própria natureza de onde eles provêm, de forma que a menstruação da mulher, por exemplo, segundo Aristóteles, é a forma

inacabada do esperma do homem. Desse modo, a mulher é previamente denominada imperfeita e o homem, perfeito, aquela como impura, inferior, e este como puro e superior. Os valores positivos ou negativos dessas categorias, são atribuídos socialmente, de forma que:

"... as correlações das oposições binárias entre si não têm qualquer relação com qualquer realidade (...) É preciso considerar estas oposições binárias como sinais culturais e não como portadoras de um sentido universal - o sentido reside na própria existência destas oposições e não no seu conteúdo..." (HERITIER, 1990:17 a 19)

Os estereótipos que delimitam a força produtiva feminina não são mais fortes do que os que definem as obrigações da mulher na família e na sociedade. portanto, a mulher na história é dupla ou triplamente discriminada.

"Em qualquer análise sobre o trabalho da mulher, um aspecto crucial é o da sua posição na divisão social e sexual do trabalho, prioritariamente definida a partir de suas funções biológicas, o que a condiciona, de um lado, à execução de uma série de afazeres indispensáveis para a casa e a família, de outro, a

*ocupar, principalmente, posições
subalternas na hierarquia produtiva". (2)*

Como afirmamos anteriormente, muitas mudanças têm sido verificadas na história, e nessas mudanças tem - se ampliado a presença da mulher no mercado de trabalho. A seguir gostaríamos de nos deter na análise dos fatores que proporcionaram tais mudanças. Os principais fatores são os seguintes: aceleração do processo de desenvolvimento econômico, queda da fecundidade brasileira, aumento dos seus níveis de escolaridade, queda do nível de renda de grande parte da população, acarretando na necessidade da ampliação da mão - de - obra feminina para complementar o orçamento doméstico.

Lentamente, o perfil da mulher moderna, ativa, versátil, que extrapola aquele retrato antigo vem se reestruturando. Isso não quer dizer que os preconceitos tenham sido extintos e que tudo agora caminha em perfeita harmonia, mas sim, que hoje, em quase todos os setores, verifica - se a participação feminina, o que representa uma mudança conjuntural da sociedade e parcial na mentalidade da população brasileira.

Nesse processo, as mulheres trabalhadoras têm - se inserido preponderantemente no setor terciário, mais especificamente no ramo de serviços, no qual se situam empregos de pouco prestígio e baixa remuneração. Além do mais, há uma concentração dessas trabalhadoras em

funções tidas como femininas, como por exemplo, empregadas domésticas, lavradoras e operárias, secretárias e balconistas*.

Ressaltemos, nesse sentido que foi a partir do surgimento da família patriarcal que houve uma divisão na vida social em duas esferas: a esfera pública e a esfera privada (doméstica). É verdade que na comunidade primitiva não havia essa separação, de forma que o trabalho e as outras atividades sociais eram realizadas por homens e mulheres, em espaços públicos e/ou privados.

*"Os estudos etnológicos dos povos pré -
classitas desmentiram a imagem
tradicional do século XIX, segundo a
qual as mulheres, desde as mais antigas
épocas, se teriam espontaneamente
dedicado a fiar e cozinhar, enquanto os
homens se afastavam para atividades
diferentes e longe, travando épicas
batalhas contra a natureza
indômita". (LARGUIA, 1982:12)*

Portanto, a participação desigual na produção e na reprodução é anterior à sociedade capitalista.

* Segundo a Héritier, em 1980, 70% das trabalhadoras se concentravam nesses espaços.

É na relação patriarcal que a mulher emerge como uma trabalhadora complementar e o homem, por sua vez, como o principal ganha - pão da família. Sendo assim, a mulher tornou - se uma agente reprodutora, duplamente útil - gerando e criando trabalhadores; ao mesmo tempo mantendo a mão - de - obra do seu marido e produzindo em espaços extra familiar. (PENA, 1981:15)

Prioritariamente, mulheres e homens têm sido designados às áreas da reprodução ou da produção, dividindo - se, assim, o trabalho por sexo.

"Essa participação dos sexos na produção e na reprodução traduz, então, uma divisão sexual que estrutura, assim, as relações entre os sexos sobre uma base tanto política quanto econômica. Com efeito, a designação prioritária das mulheres para a reprodução sempre foi acompanhada de sua exclusão do campo sócio - político". (COMBES e HAICAULT, 1987:26)

Porém, as mulheres estão sempre presentes na produção e os homens na reprodução, mesmo considerando as diferentes modalidades dos papéis ocupados, o que implica em dizer que a relação social antagônica entre os sexos somente se completa e se define quando consideramos os dois setores produção e reprodução numa relação de dependência. Portanto, essa relação social antagônica

"... não está, de modo algum circunscrita à família; assim como, aliás, a relação social entre o capital e o trabalho não está circunscrita à produção". (29)

Podemos deduzir que o trabalho da mulher tem sido desvalorizado, pois, além do seu papel limitado no espaço doméstico, mantendo a força de trabalho masculina, (considerada a única força motriz da sociedade capitalista), as ocupações às quais ela geralmente se destina são menos qualificadas.

Os estudos, que tem voltado a atenção para a condição da mulher trabalhadora, demonstraram que a sua posição, na hierarquia ocupacional, na maioria das vezes, é inferior à posição masculina. As mulheres ocupam postos mais baixos, e essa situação é tratada, geralmente, como efeito de sua desatenção ao trabalho coletivo, às questões capitalistas, e por outro lado, de sua ligação à família e somente a ela.

"Enquanto o marido - pai ocupa a posição mediadora entre a instituição familiar e as demais instituições do sistema social, a mãe - esposa tem por missão integrar internamente a família, preparando a integração futura da criança à sociedade". (PENA, 1981:40)

Nesse sentido, a mulher não é vista como indivíduo independente da família ou de outras

instituições, mas é a família que acaba por definir a condição da mulher. Acontece que os fatos desmistificam esse postulado, tendo em vista que as mulheres, em número expressivo, também são o principal ganha - pão da família, em casos de viuvez, de mãe solteira, de abandono do marido, quando assume a sobrevivência dos filhos. Em outras circunstâncias, as mulheres casadas também assumem tarefas fora de casa, ou como empregadas domésticas, ou em vários outros serviços, e aí são acumuladas as tarefas domésticas e extra - domésticas, acabando por assumir vários papéis.

Além do mais, o trabalho doméstico, por ser privado, já que serve para produzir para satisfazer às necessidades da família, é confundido com o papel da mulher na família.

A industrialização, à medida que cada vez mais se desenvolvia, exigia a predominância da mulher nas tarefas no interior da família.

"A realocação das atividades da mulher na família, no sentido de prover o trabalho reprodutivo, consistia parte substantiva dos métodos de racionalização com os quais se procurava impregnar a produção". (129)

Nas sociedades de classe, portanto, a mulher trabalhadora teve, historicamente, como principal tarefa a produção da força de trabalho. A mulher foi

responsabilizada pela continuidade da espécie e, portanto, incapacitada de realizar tarefas "pesadas" ou que exigissem "responsabilidades". Não é à toa que as mulheres, de uma maneira geral, se sentem obrigadas a seduzir os homens com seus dotes físico sexuais, uma vez que se tornaram convictas de que não nasceram para se destacar na produção, mas sim para conquistar através do sexo'. (LARGUIA e DUMOULIN, 1982)

CAPÍTULO - III

TRABALHO E CONDIÇÃO FEMININA: ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS

CAPÍTULO III

TRABALHO E CONDIÇÃO FEMININA: ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS

Neste último capítulo iremos demonstrar nossa análise empírica através do diálogo que travamos com nossas entrevistadas. Aqui a discussão sobre o gênero se mantém não mais com base nas definições e análises teóricas, mas sim, fundamentada nos depoimentos individuais das mulheres sobre trabalho, a maneira de pensar e conviver com o trabalho, e sobre a concepção de masculino e feminino.

As relações de Gênero são construídas cotidianamente, tanto no espaço público, quanto no privado, ou seja, tanto no mercado de trabalho, onde as mulheres atuam hoje quantitativa e qualitativamente com grande evidência, quanto no âmbito familiar onde as mulheres continuam assumindo as tarefas de mãe e dona de casa.

No nosso estudo, preocupamo - nos, basicamente, com a forma como são construídos os conceitos de feminino e de masculino, - a partir do discurso elaborado pôr mulheres em determinados espaços de trabalho, ou seja, os significados representados pelas mulheres sobre o ser homem e o ser mulher.

Partimos do pressuposto de que a maneira de representar o feminino e o masculino varia conforme as formas de dominação entre os sexos, o que nos leva, em princípio, a investigar um pequeno universo de significações, podendo, a partir deste, deduzir as relações de controle entre os sexos numa determinada realidade. Elisabeth S. Lobo, no seu estudo sobre o Gênero como categoria analítica, ressalta:

"... as representações de mulheres e homens, contidas nas formas históricas de suas relações, não são as mesmas. A sexualidade, a maternidade, ou a força de trabalho feminino foram objeto de concepções distintas e conseqüentemente as relações de controle e dominação entre homens e mulheres configuram formas distintas:"(1989:78)

Nesse sentido, pretendemos, não averiguar as origens ou as causas da dominação entre os sexos, mas compreender, através das falas sobre a prática de um grupo de mulheres, as representações elaboradas sobre o feminino e o masculino, configuradas no mundo do trabalho e do cotidiano dessas mulheres.

As mulheres entrevistadas foram selecionadas como nossas interlocutoras pôr se destacarem, naquela cidade, em suas funções. Eis o perfil geral de cada uma delas:

PERFIL DAS ENTREVISTADAS

Entrev.	Id	E.Civil Filhos	Nat.	Ocupaç.	Out. Atividades
Historiadora	52	casada 04	B.Cruz	aposent. como prof. 1º e 2º graus	
Funcionária do STR	50	casada 02	B.Cruz	Funcionária do STR e secret. C. Estadual	Secretária do STR
Assistent e soc	43	viuva s/f	B.Cruz	Dir. de Div. de Soc. Prefeitura	da Professora de 1º e 2º A. graus de OSPB, EMC e da História
Pres. Câmara Munic. e Veread.	65	casada 04	B.Cruz	P.Câm. Vereadora	e Funcionária do Estado e Contadora do Município
Rezadeira	68	viuva 08	B.Cruz	Rezadeira	Agricultura, vendedora de tecidos, porcos e cebolas
Ofic. do R. Civil	31	casada 01	S. Bento	Oficial do R. Civil	Escritório de contabilidade
Tabeliã	38	casada 03	B.Cruz	Tabeliã	Funcionária do Estado
Fazendeira	46	viuva 02	C. Rocha	Fazendeira	Agricultura
D. do Posto de Gasolina	58	Casada s/f	Caicó	Comerc. combust. e auto - peças e de confec.	Balconista
Sapateira	54	viuva 05	B.Cruz	Sapateira	
Costureira	60	viuva 09	B.Cruz	Costureira	Agricultura
Enfermeira	47	casada 02	B.Cruz	Enfermeira	
Marceneira	66	viuva s/f	B.Cruz	Marceneira Zeladora da praça	Agricultura
D. Da F. de tapetes e redes	35	casada 02	B.Cruz	Fabricante de tapetes e redes	Ajudante em um tear
Dir. da Esc. Est. 1º g.	37	Casada 02	Belém de B.Cruz	Dir. de prof. E. Est. 1º g.	Prof. no pré - escolar e alfabetização
Maria Olívia	72	casada 04	B.Cruz	Assist. Méd.infor- mal. assit. na fazenda.	Assist. médica ao lado do irmão (médico) diretora da Esc. Est. de 1º g. trabalho burocrát.na fazenda

FONTE: PESQUISA DE CAMPO

1 - Historiadora: - Delanice Ribeiro

Lecionou durante vários anos no Colégio Estadual de 1º e 2º graus, em Brejo do Cruz, e ainda hoje, aposentada, é procurada por ex - alunos para auxiliar na elaboração de projetos, ofícios, etc. Foi presidente do Apostolado da Oração, entidade religiosa da qual ela ainda faz parte (essa iniciativa ela herdou de sua mãe que era um mulher muito religiosa). Seu pai foi juiz da cidade e escrivão do registro civil, e sua mãe dona de casa. Hoje Delanice participa como colaboradora de eventos na cidade como, por exemplo, a organização de festas tradicionais.

2 - Funcionária do Sindicato dos Trabalhadores Rurais - Francisca G. Dutra (Leni)

Leni estudou até o 2º grau. Há 23 anos, trabalha no STR, desde a sua fundação. Iniciou como secretária do Sindicato, a convite do Padre, quando participava de uma reunião de trabalhadores rurais. Hoje, ela como funcionária exerce toda a parte burocrática do Sindicato, inclusive a que compete à Secretária. Já foi convidada várias vezes para assumir a presidência do sindicato, mas o cargo não lhe atrai muito. Seus pais eram agricultores.

3 - Assistente Social - Enedina Aranha

Lecionou durante 10 anos na Escola Estadual de 1º e 2º graus as disciplinas "O.S.P.B.", "E.M.C." e

"História", porém não se entusiasmou muito nesse ofício de professora. Seu pai é comerciante aposentado e sua mãe dona de casa.

4 - Presidente da Câmara Municipal e Vereadora - Francisca F. Dutra.

Foi eleita três vezes como vereadora, e como tal, procura ter uma aproximação maior com seus eleitores, pois parte do princípio de que "a política é amizade, é fazer amizade". Seu pai era agricultor e foi candidato a vereador uma vez, e sua mãe também era agricultora.

5 - Rezadeira - Josefa Alves

Iniciou - se como rezadeira em 1945, o que a transformou numa mulher bastante conhecida na cidade e em cidades circunvizinhas. Não cobra nenhuma quantia financeira pelas suas rezas, mas acaba sendo recompensada de alguma forma pelas pessoas que a procuram. Suas orações são direcionadas a pessoas e a eventos. Seus pais eram agricultores.

6 - Oficial do Registro Civil - F. Lúcia S. Fonseca

Sua atividade diz respeito ao registro de nascimentos, casamentos e óbitos. Lúcia iniciou nessa função substituindo o seu avô (pôr quem ela foi criada, junto à avó, a partir de um ano e oito meses de idade). Tudo se iniciou quando começou a trabalhar no cartório

com o avô (que na época era o oficial do registro civil da cidade) aos 18 anos de idade, quando já tinha tido uma experiência no Escritório de Contabilidade (ainda de menor). Devido à sua disposição e desempenho no trabalho, passou a substituir o avô depois do seu falecimento. Sua avó era dona de casa.

7 Tabeliã - Paula F. Maia Nascimento

Paula é a primeira mulher naquela cidade a exercer essa função. Cursou Direito em J. Pessoa (onde viveu 10 anos), voltando logo em seguida para Brejo do Cruz por decisão do seu marido, dando início a advocacia no cartório civil do seu pai, que antes era o tabelião da cidade (hoje aposentado), durante 4 anos. Depois disso, foi funcionária do Estado e, logo após a aposentadoria do seu pai, assumiu o serviço burocrático do cartório. Ela afirma que pretende adquirir bastante experiência como tabeliã para prestar concurso para juíza. Há dois anos, ela exercia dois cargos - escritã e tabeliã - (quando podia acumular cargos). Hoje é escritã afastada, podendo voltar à função a qualquer momento. Sua mãe foi professora primária e diretora da escola primária de 1º e 2º graus.

8 Fazendeira - Alda F. da Conceição

Alda trabalhou na agricultura até os 25 anos de idade, quando se casou com um pequeno fazendeiro. A partir de então começou a lidar com a fazenda, e hoje

toma conta de tudo praticamente sozinha. Seus pais eram agricultores.

9 Dona do Posto de Gasolina - Ana M. de Sousa

Ana começou a trabalhar como balconista, na sua cidade natal e em 1970 casou - se com um comerciante de combustível (dono de um posto de gasolina) em B. do Cruz. Em 1981 ela ficou viúva. Hoje, ela é a dona desse mesmo Posto (herança do marido) que é o único da cidade. Além do Posto, ela possui uma boutique que funciona como meio de complementar as despesas. Quando jovem, ela pensava em fazer um curso superior, mas logo desistiu do sonho porque não tinha condições de manter seus estudos; então, teve que optar pelo trabalho. Depois de casada, quando assumiu o Posto junto ao marido percebeu que, financeiramente, vivia muito melhor do que muitas pessoas que tinham curso superior, e que, além disso, "têm muitos formados sem respeito". Seus pais eram agricultores.

10 Sapateira - Teresinha S. de Sousa

Teresinha começou a trabalhar com 8 anos de idade nos serviços domésticos, e continuou nessa atividade até hoje. Começou a trabalhar com sapatos, junto ao marido, para ajudar nas despesas da casa. Seu pai era agricultor e, depois, Oficial do Registro Civil; sua mãe trabalhou na agricultura.

11 Costureira - Rita Dutra

Rita, quando muito jovem, trabalhou na agricultura, começou a trabalhar com costura aos 15 anos, numa máquina de mão que pertencia a sua mãe. Quando começou a mexer com a máquina de costura, ensinou às irmãs e, logo depois, ganhou uma máquina do seu pai. Casou - se com 22 anos com um agricultor e continuou costurando para ajudar nas despesas da casa. Desde criança, Rita achava bonito costurar, e depois que aprendeu e desenvolveu essa atividade, nunca se interessou por outro trabalho. Seus pais eram agricultores.

12 - Enfermeira - Maria do Carmo Fernandes

Morou no sítio até os 10 anos de idade, quando precisou sair para a cidade para cuidar dos filhos de sua irmã. Aos 18 anos iniciou o seu trabalho como Enfermeira na Maternidade de B. Cruz, mesmo sem ter nenhum conhecimento na área, isto porque sua irmã conseguiu esse emprego através do prefeito. Com isso, iniciou um treinamento com uma antiga enfermeira da cidade e com o único médico que lá existia (na cidade não há nem nunca houve enfermeiros). Seus pais era agricultores.

13 Marceneira - Maria de Freitas Batista

Começou a trabalhar na agricultura quando era menina. Ela relata: "... era igual a um homem prá

trabalhar, toda vida eu fui do trabalho pesado". Casou - se com um marceneiro e decidiu trabalhar com ele para auxiliar nas despesas da casa. Seus pais era agricultores.

14 Dona da Fábrica de Tapetes de Redes - Maria de Fátima C. de Oliveira

No sítio, onde nasceu, Fátima trabalhou na agricultura e no Tear de um vizinho (desde os 8 anos), porém nunca gostou de trabalhar na agricultura, diz que "ficava cabreira", porque achava um trabalho muito pesado. Ela diz que sofreu muito na época em que morava no sítio, e que, por sinal, perdeu um filho (sobre esse assunto ela não quis se estender muito), e que lá mesmo começou a trabalhar com tecelagem "... para ser mais livre, fazer a vida...". Até os 14 anos de idade, trabalhou para outras pessoas, mas sempre quis muito ser independente. Casou - se com um caminhoneiro, "muito farrista", que nunca se preocupou muito em contribuir com as despesas da casa, que hoje são assumidas praticamente por ela. Quando ela resolveu trabalhar por conta própria, seu pai lhe emprestou um dinheiro para comprar a matéria - prima necessária. A partir de então, montou a fábrica de tapetes e redes. No início, trabalhava com 10 auxiliares, um para cada máquina, mas não deu muito certo porque, segundo ela, "todo mundo queria ser dono de si". Com isso, ela vendeu 7 máquinas e manteve dois funcionários. Fátima considera o seu

trabalho muito pesado, mas necessita dele para sobreviver e manter os filhos.

A preferência na fabricação de tapetes é bem maior do que na de redes, pois esta exige uma maior quantidade de trabalho num maior espaço de tempo, e gera, portanto, menos lucro. Essa idéia tanto deu certo, que hoje a produção atende também outras cidades vizinhas e até um pouco mais distantes, e para isso, ela na maioria das vezes, viaja sozinha para fazer entregas. Seus pais era agricultores.

15 Diretora da Escola Estadual de 1º grau - Rita Lima

Rita fez o magistério em Catolé do Rocha e Pedagogia (os primeiros seis meses em C. Grande e o restante do curso em Caicó RN) com habilitação em administração escolar. Ela conta que, desde criança, queria ser professora. Trabalhou durante cinco anos com o pré - escolar e, depois, com alfabetização. Hoje, Rita é diretora do Grupo Escolar, professora da mesma escola e de outra cidade vizinha. Seu pai era agricultor e sua mãe, dona de casa.

16 - Maria Olívia*

É filha de um rico fazendeiro. Aos 12 anos de

* Referimo - nos a entrevistada pelo nome porque exerceu várias funções distintas, e por ser muito referenciada na cidade, tanto por mulheres, quanto por homens, sendo conhecida apenas como Maria Olívia.

idade, foi interna no Colégio de Cajazeiras (onde passou um ano) e, depois, em João Pessoa (durante 9 anos), quando se mudou para a residência de uma tia para cursar Pedagogia. Depois de concluído o curso, passou mais 4 anos em J. Pessoa, e, logo em seguida, voltou para B. cruz, quando foi nomeada Diretora da Escola Estadual de 1º grau, permanecendo nesse cargo 26 anos. Durante esse tempo, casou - se com um fazendeiro e começou a se integrar nos assuntos da fazenda, não pôr se identificar muito com essa atividade, mas pôr achar necessário dividir as responsabilidades com o marido. Hoje, ela, praticamente, não se envolve mais com esse tipo de trabalho, pôr não achar mais necessário. Há muitos anos, M. Olívia trata de doentes (mesmo sem ter o curso de medicina), medicando, aplicando injeções, enfrentando pequenas cirurgias. Também foi candidata duas vezes ao cargo de vereadora, mas não conseguiu se eleger. Seu pai foi rico fazendeiro e sua mãe dona de casa.

A ESCOLHA DOS TEMAS

Nos depoimentos das mulheres, selecionamos algumas questões basicamente a respeito das atividades por elas exercidas, à forma como se relacionavam com essas atividades, e à sua concepção sobre o ser feminino e o ser masculino, questões centrais que surgiram nas falas, e que aos poucos foram norteando a pesquisa.

Dividimos, em princípio, 11 temas: 1 - Sobre a Atividade; 2 - Sobre a Atividade anterior; 3 - Sobre as Influências; 4 - Identificação entre a atividade que exerce e a entrevistada; 5 - Sobre a Atividade; 6 - Mudar ou não de profissão?; 7 - Na opinião das entrevistadas a atividade é típica de mulher?; 8 - Como são vistas pelos outros; 9 - Como as entrevistadas se vêem diante da sociedade; 10 - Identificação entre as duas atividades; 11 - Concepção de Mulher e Homem para as entrevistadas.

Após organizarmos separadamente os temas, especificando em cada um deles a situação descrita por cada entrevistada, sintetizamos todo o conjunto de temas, agrupando aqueles que se encaixavam ou se completavam uns nos outros, facilitando dessa forma a análise dos dados. Sendo assim, os temas ficaram distribuídos da seguinte forma: 1 - Influências na escolha da atividade; 2 - Como se vêem diante da sociedade; 3 - A atividade é "feminina" ou "masculina"?; e 4 - Feminino ou Masculino - Elas respondem.

3.1. Influências na escolha da atividade

Nos depoimentos das mulheres, há uma ênfase quase que geral no que diz respeito à responsabilidade dos homens na escolha das funções, principalmente no que tange aquelas tradicionalmente masculinas. Esses homens citados são, em grande parte, maridos, outros são pais,

noutra ocasião o irmão. Enfim, de alguma forma, com responsabilidade total ou parcial, direta ou indiretamente, os homens representam uma forte referência em praticamente todas as opções profissionais das mulheres entrevistadas:

"Meu marido era prefeito na época, e eu, como primeira dama, tinha que me integrar como A. Social do município, e daí fui ficando."

(Assistente Social)

"Meu pai foi candidato a vereador uma só vez, mas ele não gostou, (...) Meu marido foi candidato na eleição, terminou a gestão, ele não quis mais e disse: vai você."

(Vereadora e Presidente da Câmara)

"O meu marido trabalhava de marceneiro, aí eu comecei a pelejar pra trabalhar mais ele, a aprender, eu fui pelejando, (...) Aí ele foi me ensinando a trabalhar, e eu com vontade de aprender."

(Marceneira)

"Meu pai, ele chegou aqui, ele assumiu quase todos os cargos que naquela época um homem podia ocupar, pôr exemplo: ele foi juiz sem ser juiz, sem ter diploma, então era um homem muito inteligente, gostava muito de ler, era muito dedicado a essas coisas, (...) Então, eu acho que tudo isso eu puxei para o lado dele."

(Historiadora)

"Eu me casei com um fazendeiro, então hoje eu sou fazendeira também. Aprendi com meu pai a trabalhar na roça, (...) Ele tinha um gadinho, ele me deu uma garrotinha, dessa garrotinha até hoje eu tenho o gado ainda que ele me deu."

(Fazendeira)

"Comecei trabalhando no Escritório de Contabilidade, ainda de menor; assim que completei os meus 18 anos, ingressei no Cartório do Registro Civil trabalhando juntamente com o meu avô. (...) Então, a partir daí, eu comecei a trabalhar como escrevente, em seguida consegui minha nomeação como escrevente. Em 84, às portas da aposentadoria do titular, eu fui nomeada substituta, logo em seguida, com a aposentadoria do titular do Cartório, eu fui efetivada. Então, desde essa época, eu exerço a função de oficial do registro civil."

(Oficial do Registro Civil)

"Meu pai era fazendeiro (...) O pai do meu marido, era juiz, e a mãe dele era dona da fazenda, então eles se dedicaram mais à fazenda, e Sinhozinho gostava muito de fazenda, ainda hoje gosta. Então, nós temos duas propriedades - Sinibu e Boa Esperança, (...) Eu convivi muito com médico, com meu irmão, e era quem fazia tudo quanto ele queria era comigo, você sabe que a prática faz o mestre. Então, eu vivia toda vida ali com o médico, mexia, lia prospecto, via ele fazer, via ele

receitar. Aí, essa coisa todinha eu fazia, tirava caroço de feijão do nariz de menino, tirava espinha, tudo eu fazia com ele, aí me acostumei muito. Em 1948 até 1963, 64 eu fiz com ele, depois fiz só."

(Maria Olívia)

"Meu marido era agricultor e trabalhava em sapataria(...) aprendi já com ele para ajudar.(...) Continuei na profissão dele, que é consertar sapato, mala, essas coisas.(...) Se meu marido tivesse feito outra coisa eu tinha seguido a outra que ele tivesse seguido também."

(Sapateira)

"Desde pequenininha que eu queria fazer Direito, eu nasci e me criei praticamente dentro de um cartório, e eu via meu pai, antigamente, as audiências eram no cartório, não eram no Fórum, o juiz vinha pro cartório e fazia as audiências e chamava um menino pra puxar os nomes dos jurados, aí me chamavam. Às vezes, eu servia café pro juiz, pro promotor, achava muito bonito, ficava atrás da porta pra escutar o resultado, levava carão que não era pra ficar, mas eu era tão interessada, achava tão bonito, que eu ia pedir ao pessoal, voltava, ficava em casa só prestando atenção, o cartório era vizinho lá, em casa, eu ficava olhando lá pro cartório, olhando o movimento, vendo o pessoal trabalhando, falando de lei, achava bonito demais. Aí, desde pequenininha, que eu

decidi: "Quando eu crescer, que eu fizer um curso, só quero Direito, se eu fizer o vestibular e não passar, eu faço dez, mas eu só faço Direito". (...) ele sempre orienta."

(Tabeliã)

"O posto foi herança do meu marido, aí eu botei pra frente, e se eu nascesse hoje, eu continuava no combustível e auto - peças."

(Dona do Posto de Gasolina)

3.2 Como se vêem diante da sociedade

As mulheres entrevistadas, de uma maneira geral, percebem que, de um certo modo, são tratadas de forma especial pôr parte daqueles com que convivem no ambiente de trabalho, fora deste e na família.

Algumas enfatizam a admiração, outras o machismo, outras, ainda a inveja e a discriminação pôr parte de homens e/ou mulheres.

"A não ser uma brincadeira de machismo, não existe nada demais Em qualquer parte do Brasil, no Nordeste mais acentuado, mas tem machismo. Um dia desses tava comentando no Gabinete do prefeito (...) "essas mulheres chatas, demais, esses cargos ocupados pelas

mulheres nunca tinham dado certo" (...) Não deixa de ter uma ou outra pessoa que visa o seu cargo, um pouco de inveja, não pelo trabalho, mas só porque você é remunerada um pouquinho a mais."

"Quando meu marido era vivo, eu era mais vista, essa coisa toda, a posição dele, então as pessoas me viam mais do que agora. Agora, eu me tornei uma pessoa comum (nunca deixei de ser uma pessoa comum), mas tinha a ilusão, era mulher de político, de médico."

(Assistente Social)

"Tem um colega meu com despeito, porque eu sou mulher, não era pra tá na Presidência da Câmara, era pra tá um homem. (...) Noto a diferença, porque as pessoas quando vêm atrás da gente, elas vêm com humildade, acham que eu, pelo menos, sou melhor do que elas, mas eu não sou melhor. Elas vêm com vergonha, acham que a gente não vai atender, o povo do sítio sempre tem essas, acham que eu não sou igual a eles."

(Presidente da Câmara e Vereadora)

"Eles têm muito respeito a mim. Pôr exemplo, faz dois anos que eu me aposentei, mas sempre, na minha casa, tem uma pessoa solicitando: "Como é que a Sra. faz isso? Eu queria que a Sra. me ajudasse nisso". Um trabalho, uma pesquisa, um começo de um estágio: "Como é

que a gente faz um relatório, um ofício?" Então, eu acho que eles tem muita confiança em mim, e muito respeito."

(Historiadora)

"As moradeiras me olham com inveja, porque eu possuo terra, fazenda, algumas delas pensam assim.

Os homens dizem, assim, que eu sou uma mulher que tenho coragem de resolver as coisas, que não é toda mulher que faz isso."

(Fazendeira)

"As vezes, eu tô passando, eu vejo eles dizerem: "Olhe, essa daí tem fé pura, a oração da viúva é forte, sabe rezar, essa aí sabe".

Ah, as muié é pura, chamam quando quer reza, chamam pra um canto, vai conversar."

(Rezadeira)

"Pelo meu trabalho, eu acho que as mulheres vê diferente porque muita gente bota o olho em cima de mim... Um dia, um homem passou pôr mim e disse assim: "Eu admiro muito você, porque tanto faz seu marido tá em casa como não tá, você resolve tudo"(...) Eu acho que eles querem que eu teja mais baixo um pouco, mas eu não deixo(...) Eu me sinto uma pessoa ridícula, quando eu vou na rua(...) Porque eu não posso sair arrumada, não tenho tempo de sair arrumada, então, se eu for na rua, só vou se eu tiver um negócio, e eu não saio do carro,

vou comprar tudo, mas eu não desço, eu só desço se vier arrumada, perfumada e sem menino, aí eu desço pra fazer minhas compra, me sinto outra pessoa."

(Dona da fábrica de tapetes e redes)

'Ainda hoje sou o baluarte, apesar de velha, tudo o que acontece ainda me chamam pra ajudar. (...) Minha família toda me tem uma homenagem especial, uma atenção, uma distinção, todos me prezam. É tanto que meus sobrinhos todinhos, de cada casa eu tenho um afilhado, (...) Elas me tratam como uma pessoa que tem uma certa influência, muita gente vem de fora consultar uma coisa comigo, pedir uma opinião, muita gente. Pessoas vêm me confidenciar assuntos comigo, mas aí eu não falo a ninguém. Muita gente vem pedir uma palavra a mim, outras vêm com documento pra eu orientar, onde é que tira, onde é que bota, o que é que faz. (...) Mário, meu irmão dizia que eu queria doutrinar demais. (...) Tinha dois dias que eu queria mandar demais mesmo, na família.

(...) Eu tenho um carisma qualquer, uma atenção porque eu sempre dei atenção ao povo eu creio que é isso uma gratidão, uma simpatia."

(Maria Olívia)

"Já fui criticada demais, sempre existe, eu até considero uma inveja. Em nossa cidade, quando a gente

assume os cargos mais elevados, acontecem essas criticazinhas."

(diretora da Escola Estadual de 1º grau)

"Me chamam Maria de Quita, Maria Enfermeira, e fiquei marcada pôr causa desse nome. Se eu não fosse da parte de enfermagem, eu não era tão vista como sou."

(Enfermeira)

"Têm despeitados, é homem e mulher, se pudessem me crucificar há muito tempo 80% já teriam me botado a baixo há muito tempo. Eu escuto comentário toda hora, (...) Porque eu sou de fora, vim morar aqui, que eu consegui as coisas roubando, até isso alguém já disse (...) Tem milhares de homens atrás de comprar o estabelecimento (...) É porque eu sou otimista, senão já tinham me derrubado há muito tempo. (...) Quando a gente consegue alguma coisa, todo mundo fica despeitado."

(Dona do Posto de Gasolina)

Entre as mulheres que reconhecem que são notadas ou tratadas de alguma maneira especial, pelo menos a metade aponta a inveja como um sintoma apresentado, na maioria das vezes, por outras mulheres especificamente. Essa inveja diz respeito à posição que ocupam em cargos ou funções. Outras mulheres alegam que são tratadas com despeito por parte dos homens no ambiente de trabalho ou na família, e que esse despeito é fruto do machismo, por

elas estarem ocupando posições tradicionalmente masculinas ou pôr terem poder de decisão e de ação nas suas atividades.

3. 3 A atividade é "feminina" ou "masculina"?

Nos depoimentos, as opiniões se dividem: de um lado, estão aquelas mulheres que acreditam na masculinidade de suas profissões, de outros outras mulheres que concebem que suas atividades são tradicionalmente femininas, e há ainda aquelas que não percebem uma feminilidade ou masculinidade no exercício de suas atividades. No primeiro grupo, estão a Sapateira e a Fazendeira, que são atividades consideradas masculinas, uma vez que são comumente desempenhadas pôr homens. A Sapateira, pôr exemplo, afirma que não é do seu conhecimento a existência de outras mulheres exercendo essa atividade na cidade. Como vimos ainda neste capítulo sobre as influências que as mulheres sofreram na escolha de suas atividades, tanto no caso da Sapateira, quanto no da Fazendeira, elas herdaram essas funções dos seus maridos. Tendo ficado viúvas, e portanto, com filhos para sustentar, e ainda mais que não tinham outras perspectivas de trabalho, mesmo porque não tinham estudo e já tinham iniciado com essas atividades ao lado dos maridos quando vivos, para ajudar na sobrevivência da família, não tiveram outra alternativa senão continuar assumindo as funções que

antes eram de responsabilidade principal dos seus maridos.

"O homem pode andar pôr todo canto, pode ajeitar pra fazer uma cerca, eu já sou diferente, eu tenho que perguntar a uma pessoa pra mandar fazer, é muito diferente do tempo do meu marido, ele administrava tudo, não tinha essa história de cerca, hoje é diferente, eu quem vou cuidar de tudo, a diferença é grande, é claro(...) É mais difícil para a mulher, mas a mulher não tendo homem, ela tem que resolver, porque não vai deixar abandonado.(...) Porque a mulher às vezes não pode ir lá, tá olhando direto, e o homem pode toda hora.(...) Porque às vezes acontece da mulher tá doente, tá operada.(...) essas coisas ficam pra homem."

(Fazendeira)

"Acho que é mais pra homem, mas eu gosto de trabalhar.(...) Porque eu acho que o homem tem mais atividade pra um negócio desse do que uma mulher(...) Mais tino, mais inteligência do que mesmo uma mulher(...) Não conheço não. Nenhuma outra mulher aqui que faça esse serviço."

(Sapateira)

No segundo grupo, se encontram: a Funcionária do S.T.R., a Rezadeira, a Diretora da Escola Primária, a Dona da Fábrica de tapetes, a Enfermeira e a Costureira.

Essas, ao contrário, são atividades desenvolvidas preponderantemente pôr mulheres. Na cidade, não há rezadores ou rezadeiros, nunca houve homens na direção da Escola primária, não há homens como proprietários de fábricas de tapetes e muito menos que os fabriquem, não há, nem nunca houve enfermeiros, nem tampouco costureiros.

"A mulher, geralmente, ela tem a cabeça mais fria, porque você sabe que as vezes chegam pessoas cheias de razão, quer ter o direito e não tem, aí fica aquela confusão, e a gente vai maneirando, vai conversando."

(Funcionária do S.T.R.)

"O homem não tem fé, porque se tivesse fé aqui e acolá chegava um rapaz e dizia assim: "Viúva, a Sra. quer me ensinar a orar?", ensinava a eles, mas nunca achei um que perguntasse assim, às vezes é a mulher quem pede a oração, pra mandar escrever pra dar a elas. Já dei a muitas mulheres a oração que elas pedem, mas a homem não."

(Rezadeira)

"Eu fui a primeira que inventei essas coisas de tapete, depois de mim foi outra, depois uma irmã minha, e outra menina. (...) Só é feito pôr mulher. (...) Homem não pode fazer tapete porque não sabe, ele não tem idéia

pra isso, não. (...) Porque é muitas coisas pra desenhar, pra cortar direitinho, pra riscar, pra cortar fio, pra sentar na máquina, virgem, homem sentado na máquina é muito feio. (...) Eu acho feio um homem sentado na máquina costurando. (...) Eu acho ridículo um homem não ter outro comércio e pegar os comércio da mulher (...) Aqui em Brejo não tem homens fazendo tapetes, ele pode montar uma parte, mas bota as mulheres pra trabalhar também, têm muitos aqui que tem o homem e as mulheres trabalhando, mas ele compra só o fio, tem o dinheiro pra comprar o fio e as máquinas."

(Dona da Fábrica de Tapetes)

"A mulher é mais dedicada à Educação do que o homem, isso é o meu ponto de vista, porque o homem é muito difícil ter paciência, saber controlar, saber organizar as coisas. Então, eu acho que essa minha profissão é mais coerente, é mais adequada para o sexo feminino, embora que existem muitos homens competentes, capazes de assumir. (...) Só teve mulher, foi passando de mulher pra mulher, e tem sempre um trabalho bem feito, organizado pra a Comunidade. (...) Eu também sou professora, eu sempre admirei minha primeira professora, achava que essa profissão era tudo pra mim, eu gosto muito de lidar com crianças."

(Diretora da Escola Primária)

"Eu acho que a profissão é de mulher e homem porque tem o enfermeiro e a enfermeira, mas a mulher eu acho que faz melhor aquela parte de enfermagem(...) Porque a mulher tem mais interesse, tem mais amor, tem o coração menos pesado. Eu acho a profissão de enfermagem uma profissão muito amante, mas é uma profissão muito pesada, que é pra a gente ter muito amor, e o homem trabalha com ação, porque já tá dizendo, o homem não tem pena dessas coisas, a enfermeira tem mais pena porque(...) e o enfermeiro não tem pena de trabalhar numa parte de enfermagem, num ambulatório, como a gente mulher tem, porque vários hospitais que eu já fui com mamãe lá em Caicó, eu via a parte dos enfermeiros como era que fazia com mamãe doente, e as enfermeiras vinham com mais carinho, os homens já vinham porque tinha a obrigação de fazer. A mulher faz com mais cuidado. Quando é enfermeiro, ele não tem fé."

(Enfermeira)

"Eu acho que é uma profissão de mulher, eu tenho um cunhado que é costureiro, mora no Ceará(...) A mulher pra fazer uma roupa de mulher é melhor do que homem, a não ser um costureiro pra costurar roupa de homem. Acho que a mulher tem mais jeito pra costurar(...) Porque eu acho muito esquisito um homem costurando. Esse meu cunhado ele já veio aqui umas vezes, aí veio costurar aqui uma calça, mas eu achava tão esquisito ele costurando que eu olhava, meu Deus, esse homem

costurando, e costura bem mesmo mas eu acho esquisito demais, não acho que seja profissional, não. O homem trabalhar em profissão de mulher eu não acho graça(...) Tem uma filha costureira, a mais velha é que costura em João Pessoa, e essa outra trabalha em bordado."

(Costureira)

Percebemos que, ao justificarem a feminilidade de suas práticas, as mulheres utilizam - se de elementos que são apreendidos desde a infância como características inerentes à natureza feminina, como por exemplo, a paciência, o amor, o carinho, o jeito, o cuidado, a sensibilidade, a pena, a dedicação. A construção desse perfil da mulher está associada à reprodução do espaço doméstico. De um lado, essa apreensão prepara a mulher para o exercício de determinadas atividades públicas e privadas, e, pôr outro lado, essas atividades, da maneira como são exercidas, com toda a carga da maternidade feminina, impõe, muitas vezes, uma maneira de pensar e de sentir, de dizer e de fazer sexuadas. Portanto, a construção dessa identidade feminina se completa na ação e na reação dos indivíduos - mulheres e homens -, isto porque, nesse processo de formação, estão presentes um e outro.

As atividades como, pôr exemplo, a de professora e a de enfermeira carregam, antes de tudo, uma tendência feminina, pôr apresentarem características que são

apreendidas pelas mulheres desde a infância - características que se adequam à natureza feminina:

"Se o emprego doméstico é, diretamente, identificado com as tarefas manuais contidas no papel da dona - de - casa, outras profissões "femininas" se identificam com os tributos "naturais" da esposa e mãe. Ser professora ou enfermeira não é apenas uma escolha profissional, mas uma oportunidade que a mulher encontra para pôr em prática atitudes que aprendeu desde o berço: bondade, paciência, dedicação e carinho".

(BRUSCHINI, 1985:40)

Valéria Pena, por sua vez, no seu estudo sobre as trabalhadoras brasileiras, coloca que essa é uma tendência um pouco mais antiga:

"Ao lado da enfermeira, o magistério primário consistia, no século passado, a outra via de acesso respeitável no mercado de trabalho para uma jovem de classe média". (1981:114)

A autora enfatiza:

"Para a jovem originária dos estratos médios que se via diante da contingência

de ganhar a vida e procurar um trabalho remunerado, restavam sempre as possibilidades de se transformar em uma enfermeira ou parteira ou numa professora primária; em última análise, de projetar para o mundo do trabalho componentes de sua condição feminina, prestando serviços de toda a ordem". (113)

A costura também é uma tarefa habitualmente dominada pelas mulheres, de forma que, a partir da infância, a mulher é iniciada neste afazer no interior do espaço doméstico, começando os treinos com suas bonecas, até que muitas vezes isso se transforma numa profissão, como Barroso e Costa (1983) enfatizam:

"De fato, este aprendizado está subordinado à definição social do seu sexo, já que a mulher convive cotidianamente, desde muito cedo, com o ato de costurar, acabando pôr aprender com outra mulher quase que naturalmente esta atividade". (p.126)

Como mesmo nossa entrevistada conta como aprendeu a costurar:

P: Quando a Sra. resolveu costurar?

R: Eu comecei a costurar numa máquina de mão, mãe possuía uma máquina pra fazer umas roupinhas, mas não era toda roupa não, aí eu me dediquei a fazer pra mim,

aí comecei a fazer pra as meninas, aí pai resolveu comprar uma máquina, aí dessa máquina eu ensinei às minhas irmãs a costurar, quando casava cada qual tinha sua máquina.

Além de tudo, a costura é uma atividade que, pelo fato de ser exercida, na maioria das vezes, em casa, não impede que a mulher concilie com outras atividades domésticas:

"... convém ressaltar que para as mulheres dos grupos sociais mais baixos, um conjunto de ocupações estava disponível, ligados à prestação de serviços domésticos: além das próprias empregadas domésticas, ainda lhes restavam as possibilidades de serem utilizadas como lavadeiras, passadeiras, doceiras, costureiras, ocupações, enfim, que envolviam tarefas que lhes era possível compatibilizar com o cuidado à casa e aos filhos". (PENA, 1981:112)

As mulheres, também, se destacam quantitativamente no espaço religioso. Por ser bastante representativa a participação feminina nas comunidades religiosas existentes no Brasil, pode - se considerar o espaço religioso como feminino. Na religião oficial do país, a católica, a imagem da mulher está associada à da virgem Maria, mãe sofredora, pura e imaculada. Simone de Beauvoir (1980) enfatiza:

"A igreja exprime e serve uma civilização patriarcal na qual é conveniente que a mulher permaneça anexada ao homem. É fazendo - se escrava dócil que ela se torna também uma santa abençoada. Assim, no coração da Idade Média, ergue - se a imagem mais acabada da mulher propícia aos homens: a figura da Virgem Maria cerca - se de glória. É a imagem invertida de Eva, a pecadora". (214)

Na hierarquia religiosa, a mulher está numa posição inferior ao homem, pôr estar associada intimamente à natureza, O homem é concebido como dominador desta e, portanto, do sexo feminino. (MORAES,1985)

"A mulher, nos tempos medievais, era apresentada como inferior ao homem; já dizia São Tomás que o homem foi feito à semelhança de Deus mas não a mulher. E, via de regra, a mulher era vista como mãe, devendo passar sua vida, para cumprir os desígnios sagrados, nos limites do lar, cuidando da família". (38)

Essa concepção da mulher inferior ao homem, como o princípio religioso, é enfatizada na entrevista com a Rezadeira:

" O homem é a imagem de Cristo e a mulher é a imagem do homem, a mulher foi feita da costela de Adão que o Cristo fez(...) Ele é a semelhança de Cristo e a

mulher é a semelhança do homem, não pode ser a mulher mais do que o homem, e a mulher já foi tirada da costela de Adão(...) Não pode ser igual, se quiser ser igual a macho, não tem futuro, a mulher tem que ser mais baixa do que o homem."

A Assistente social, a Vereadora, a Marceneira, a Historiadora, a O. do Registro Civil, a Tabeliã, a dona do Posto de Gasolina e Maria Olívia, não concebem suas atividades como femininas ou masculinas, mesmo que, na maioria dos casos, sejam essas funções tipicamente masculinas, como é o caso da Vereadora, da Marceneira, da O. R. Civil, da Tabeliã e da dona do P. de Gasolina. Três delas; a Marceneira, a Vereadora e a dona do Posto de Gasolina, enfatizam que, no exercício de suas funções, acabam se saindo bem melhor do que se fossem homens.

" Eu acho que, sendo mulher, eu faço melhor do que um homem(...) Porque você sabe que a mulher tem mais capricho no serviço dela do que o homem, não é? Você faz um serviço, você peleja pra fazer bem feito que é pra aquele serviço toda vida ser a mais, toda vida vai subindo, se você não relaxar o que você faz, toda vida vai ser a mais(...) Eu conheço deles muito labrojeiro no que faz."

(Marceneira)

" Enquanto mulher, eu acho que eu faço o meu trabalho melhor do que se fosse um homem, (...) Me

impondo como mulher, no papel de mulher, na política, (...) Eu como Presidente da Câmara, tem horas que a gente tem que agir, agora como homem não, como mulher mesmo, tem que falar mais alto, mas como mulher, como homem não. (...) Mulher não tem voz ativa, sempre é o homem, o homem é mais arrogante, a mulher tem que ter voz ativa. Hoje só tem eu de mulher na Câmara, a única vereadora, são 12 homens e uma mulher."

(Vereadora)

"Eu acho que nenhum homem faria o trabalho melhor do que eu, não faria não. (...) Podia fazer igual, mas trazer a administração como eu trago, nenhum fazia, é comentado meu Posto, é comentado pôr todo o Brasil, é comentado pela Companhia e o Banco do Brasil, todo mundo diz que nunca viu um Posto tão limpo, a começar pelos banheiros."

(Dona do Posto de Gasolina)

Ao se justificarem a respeito de sua melhor atuação nas atividades públicas e masculinas, as mulheres enfocam caracteres que estão associados à reprodução ou as atividades domésticas como, pôr exemplo, o capricho, a habilidade e a limpeza. É interessante observar que existem determinadas atividades, e sobre isto já comentamos anteriormente, que estão associadas ao âmbito doméstico pôr representarem uma continuidade das tarefas que são

desenvolvidas naquele espaço. No Brasil, tem se verificado que as tarefas ligadas à área de Educação, Saúde e Magistério têm sido preponderantemente ocupadas pôr mulheres. P. Bruschini enfatiza:

"As atividades produtivas ligadas à prestação de serviços e à assistência médica e educacional são redutos tipicamente femininos, graças à sua associação com o papel reprodutivo que a mulher desempenha na família e na sociedade, sempre dedicada aos cuidados com as crianças, velhos e demais membros da unidade doméstica". (1985,p.40)

Especificamente, a atividade de enfermagem, segundo a autora, tem - se destacado no país como a ocupação da medicina assumida, na maior parte das vezes, pelas mulheres:

"No Brasil, mais de 90% das trabalhadoras que estão nas ocupações auxiliares da medicina são as enfermeiras, num total de quase 250 mil profissionais". (40)

NO entanto, não são só as atividades que estão associadas ao espaço doméstico que reúnem elementos - tanto na forma de agir, quanto na maneira de pensar essa ação - significativos de uma sexualização construída socialmente. Como exemplificamos há pouco, há casos como

o da Marceneira, o da Vereadora e o da Dona do P. de Gasolina em que, mesmo atuando em espaços masculinos, elas conservam uma postura, no interior das suas práticas, que reproduz e reforça o papel da mulher como mãe e administradora do lar. Com isso, entendemos que os atributos femininos que são imputados na formação da criança e aperfeiçoados na fase adulta, transparecem na ação cotidiana e no mundo do trabalho de uma maneira quase que generalizada, através da maneira de agir e/ou da forma de definir ou de significar essa participação ativa.

3.4 Feminino ou Masculino - Elas respondem

Os depoimentos das mulheres variam muito e, muitas vezes, podemos encontrar analogias com as suas práticas e com as suas experiências de vida (consideradas aqui a partir dos seus relatos). Paralelamente à visão tradicional da mulher como inferior, frágil, etc., do ponto de vista físico e da personalidade (o que algumas vezes interfere na escolha e na forma de atuação em determinados espaços de trabalho), há a percepção da mulher como mais "dedicada", "paciente", etc., e pôr isso mesmo mais competente do que o homem (do ponto de vista produtivo). Algumas entrevistadas percebem que, devido a certas características femininas, as mulheres não conseguem ter um bom desempenho em atividades

específicas, o que exige, portanto, que estas sejam de responsabilidade dos homens. Vejamos:

"Acho que o homem tem mais disposição do que a mulher porque a mulher vive mais cansada, vive mais atarefada do trabalho de casa, de filhos. O homem vive com a cabeça mais fria, acho que a mulher vive mais atarefada."

(Sapateira)

"A diferença é grande porque o homem trabalha de todo jeito, e a mulher não, porque ele resolve coisas e a mulher não. Às vezes, a mulher adocece, fica operada, e não pode assumir o serviço."

(fazendeira)

"Não querendo diminuir, mas você sabe que o homem sempre toma mais um respeito assim, a mulher é mais frágil, talvez ela tema mais, quando passa pra esses negócios de conflito, de briga, (...) O homem pode sair, a mulher às vezes se prende à casa, à família, o homem não. Fui convidada várias vezes pra ser Presidente, e eu nunca quis, já pôr conta de ser mulher, eu achava que o homem era melhor porque há Encontros sindicais como em outras cidades às vezes distantes, Cachoeira dos Índios, e ainda fui lá, e aí acho que homem fica melhor. O homem pode sair, a mulher às vezes se prende à casa, à família."

(Funcionária do S.T.R.)

Em outros momentos, as mulheres citam atributos femininos que, de certa forma contribuem para um melhor desempenho nas funções exercidas:

"Os cargos que a mulher deve assumir são: Secretária, Tesoureira, tanto faz, porque tesoureira é burocracia e assinar, e secretária convive diariamente com mulher, tanto faz homem como mulher, mas mulher sempre ajuda mais, porque em alguns aspectos ela leva mais jeito, ela ajuda mais."

(Funcionária do S.T.R.)

"Eu acho a mulher de forma assim mais prudente, mais tolerante, com mais capacidade de lidar com determinadas pessoas, no sentido de chegar uma pessoa ignorante, que tem pressa pra ser atendida, no sentido de saber tolerar se houver algum aborrecimento."

(Oficial do R. Civil)

"A mulher tem mais habilidade em tudo, por exemplo, pra organizar festas, as festas políticas daqui de Brejo, em tudo. (...) Mulher não tem voz ativa, sempre é o homem o homem é mais arrogante."

(Vereadora e P. da Câmara)

"A mulher tem mais capricho no serviço dela do que o homem(...) É, pode até ser, porque eu conheço deles muito labrojeiro no que faz."

(Marceneira)

"O homem pode ser rezador, curador. O mesmo direito que a mulher tem os homens têm, agora que o homem não tem fé.(...) Sobre o trabalho o homem é mais forte, mas sobre a oração a mulher é mais forte do que o homem, tem mais fé."

(Rezadeira)

"Toda mulher é mais zelosa pra fazer cuxim, pra dobrar, pra embainhar, zela a máquina, limpa, ajeita, e o homem não quer saber disso, só quer saber se dá produção, aí joga fora."

(Dona da Fábrica de tapetes)

"Eu acho que a mulher é mais dedicada, ela é mais organizada pra enfrentar um trabalho de administração escolar, porque esse trabalho requer muito trabalho, muita coisa que homem não enfrenta. Porque o homem não é tão paciente, tão dedicado quanto a mulher, nós temos mais paciência pra lidar com crianças, com os alunos, nós somos mais preparadas pra fazer esse tipo de trabalho do que o homem, porque o homem é mais

agressivo, mais incompreensivo, ele não sabe dispensar as coisas como nós do sexo feminino."

(Diretora da Escola Primária)

"Mulher é parte fraca, e o homem é uma coisa que não tem medo de nada, quando você vê um homem chorando é porque o negócio tá muito avançado, quando um homem vem a chorar, né? Eu acho que a parte da mulher é uma coisa mais elevada e com amor, é mais carinhosa, mais paciente, é mais sensível aquela profissão. (...) ela faz com amor, com cuidado. (...) e eu acho que a parte da mulher é mais sensível."

(Enfermeira)

"A mulher tem mais jeito pra costurar."

(Costureira)

Algumas entrevistadas admitem que a mulher e o homem possuem certas características que, independentemente das atividades em exercício, privilegiam a posição masculina na sociedade:

"O homem trabalha pra tudo, é motorista, viaja o ano inteiro, mulher pra viajar precisa ter companheiro, e ela não tem coragem de viajar como o homem. Deus deixou o homem pra ele ser assim. Não pode a mulher ser mais do que o homem."

(Rezadeira)

"... infelizmente a mulher quando é casada tem que ser em todas as ocasiões esposa, mãe, dona de casa e profissional, e não foge nunca a regra porque se fugir alguém vai ficar prejudicado, ou filho, ou marido, ou casa. Agora, hoje se eu fosse escolher eu jamais me casaria e jamais teria filhos(...) Agora é assim, 17 anos de casada, 3 filhos, muitos sonhos profissionais e tudo parado, agora eu tenho certeza absoluta que eu saía vitoriosa e conseguia muita coisa na minha profissão se eu sáísse daqui, se eu não fosse casada, só que eu não posso mudar mais nada, é a minha vida. Tenho certeza que se eu fosse sozinha era muito diferente e eu era uma profissional que eu sempre sonhei ser, infelizmente o homem aqui e, acolá, atrapalha".

(Tabeliã)

"O homem é mais corajoso(...) O trabalho na agricultura ficou mais indicado pra o homem, e a mulher já não vai exercer esse trabalho, o trabalho na Indústria também ficou mais dedicado para o homem e não para a mulher: a empregada doméstica ficou mais pra mulher e não para o homem, porque ele jamais irá fazer o trabalho doméstico, a mulher tudo bem, ficou para ela o trabalho doméstico quando ela não tem outra condição, e o homem jamais se dispõe de chegar numa cozinha para fazer esse tipo de trabalho(...) O homem é mais inteligente porque ele é capaz de criar coisas que nós mulheres não, como por exemplo, a ida do homem à lua,

ele é capaz de, com a sua inteligência, fabricar aviões, tanta coisa além da gente porque a mulher não é capaz".

(Diretora da Escola primária)

"Eu acho que tem uma diferença grande na personalidade do homem e da mulher. O homem é como dizia papai, o homem faz uma coisa errada, por exemplo, chega em casa, toma um banho, veste uma roupa, encostou pra lá, não tem quem fale. Mas se a mulher fizer uma coisa errada, na quinta geração ainda conta: Aquilo não prestava, era isso, isso, e sendo homem é outra coisa(...) A independência da mulher ainda, está longe, porque a vida da mulher tem que ter respeito(...) Eu sinto a inferioridade da mulher(...) Tem coisa que não fica muito bem para a mulher fazer porque, por exemplo, a mulher andar sozinha à noite. A mulher sempre é mais tímida, tem muito menos disposição pra certas coisas, tem muito menos força física".

(Maria Olívia)

Porém entre estas quatro mulheres, duas, ao mesmo tempo em que concebem a posição do homem como privilegiada na sociedade devido a seus atributos naturais, reconhecem características intrínsecas ao sexo feminino que são responsáveis pela atuação exemplar da mulher:

"A mulher é mais inteligente, se não fosse a mulher o comércio tinha caído, no tempo em que a mulher não votava, político não prestava, o comércio não prestava porque não botava a mulher pra trabalhar em comércio. Desde que botaram a mulher pra trabalhar no comércio que o comércio ficou lá em cima, que dá mais, são as mulheres no trabalho do comércio, tenho certeza. Em política, mulher trabalha mais do que os homens. Quando só eram os homens quem votavam e a mulher não dava pitaco, a política não prestava, não valia nada, e quando o governo abriu as mãos pra dizer que as mulheres tinham direito do mesmo jeito que os homens têm, aí a coisa se animou, porque a mulher é juiz de Direito, é deputada federal, estadual, é delegada, é soldada, é sargenta."

(Rezadeira)

"A mulher é muito mais inteligente do que o homem, tem homens de cabeça grossa que não tem muita facilidade. Têm mulheres que fazem como muitos homens não fariam. Em parte administrativa, certas instituições a mulher pode dirigir muito melhor do que o homem, ela tem o diálogo mais fácil e tem muito mais afinidade do que o homem."

(Maria Olívia)

Em alguns depoimentos presentes, percebemos um certo confronto entre as definições pré - estabelecidas

que são utilizadas nas falas das mulheres sobre o masculino e o feminino, e aquilo que elas realmente acreditam que são, a partir de suas práticas ou de suas experiências vividas:

"No trabalho eu sou mais forte. Já trabalhei como homem também. Do mesmo jeito que eu trabalho, eles trabalham, eles só tem mais força do que a mulher, mas o trabalho de homem pra plantar arroz, feijão, algodão, milho, tudo isso eu sei fazer... Também xaxar batata eu sei, nas cacimbas, nas vazantes, sei plantar e fiar ramo, plantar coentro. Quase todas as coisas eu faço."

(Rezadeira)

"Eu sou muito independente, muito de sangue livre porque eu nunca me subjuguiei a certos caprichos, mas sempre com muita dignidade, não quis manchar minha reputação e nem fazer besteira. (...) E ainda hoje sou o baluarte, apesar de velha, tudo o que acontece ainda me chamam pra ajudar. (...) Meu pai dizia que preferia estar comigo do que com 8 filhos homens que tinha (...) é do jeito que eu peço, às vezes eu peço, às vezes eu mando".

(Maria Olívia)

"Praticamente todas as profissões tanto exerce homem como mulher, todo mundo já é acostumado, mas eu acredito que existem preconceitos. Uma coisa que eu não faria nunca, que tava até dentro da minha área, não

faria nunca porque, apesar de achar que não tem diferença, mas eu prefiro ser feminina mesmo, eu não queria nunca jamais ser uma delegada, nem faria jamais o concurso pra ser delegada, eu não faria jamais, eu acho uma coisa muito máscula, tem que ser pra homem mesmo."

(Tabeliã)

Interessante observar também que, em pelo menos um caso, percebemos um conflito permanente. De um lado, há o sentir - se mulher com as suas características "femininas" apropriadas ao desempenho ideal de funções também "femininas", e, de outro, a imagem do homem também tradicional, como contraponto à doce figura feminina, e pôr isso mesmo, a imagem masculina ideal:

"Eu acho muito bonito as coisas que homem faz, várias coisas que o homem tem a fazer. Eu acho que, se eu fosse um homem, eu era um homem muito bandido, não tinha medo de nada, eu era um homem resolvido, e um homem também que fazia o que eu tinha vontade, se eu fosse um homem eu não era boa peça não. Quando eu vejo um homem bem bandido, sinceramente eu acho bonito."

(Enfermeira)

Percebe - se, portanto, que os elementos femininos que são citados nos depoimentos, correspondem às denominações tradicionais apreendidas ao longo dos tempos. Mas não são, por si só, negativos, no que diz respeito à participação da mulher nos diversos âmbitos

sociais, uma vez que enfatizados, na maioria das vezes, pelas mulheres, justamente como sendo responsáveis pelo melhor desempenho das funções. Temos, de um lado, opiniões que retratam os antigos moldes do ser feminino, e que, por isso mesmo, repercutem em dois tipos de situação. Por um lado, em algumas situações esses moldes afirmam ou reafirmam a posição desprestigiada da mulher no mundo do trabalho, já que, pela sua própria natureza, não possuem os atributos masculinos da força e da competência. Em outras situações, esses mesmos moldes valorizam a situação da mulher como profissional. De outro lado, temos opiniões que retratam a imagem da mulher forte, corajosa e até mesmo masculina (conforme os padrões da masculinidade).

Neste último tópico, podemos considerar como bastante relevante, do ponto de vista da análise sobre as relações de gênero, a maneira como são abordados os conceitos de feminino e masculinos pelas mulheres em estudo, e até que ponto essas definições norteiam o universo das práticas destas mesmas mulheres. A forma como são representados, nas falas das mulheres, o ser homem e o ser mulher, demonstra, entre outras coisas, a dependência entre as categorias masculino/feminino. Ou seja, no momento em que se fala sobre a mulher e os seus deveres, obrigações, sentimentos, se alude aos deveres, obrigações e sentimentos do homem, porque um é sempre colocado em contraposição ao outro, mesmo que despropositadamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exclusão das mulheres do espaço público tem sido tema de muitas críticas, se mantendo em discussão até hoje, só que com base em novas perspectivas, uma vez que, como se sabe, hoje em dia a participação das mulheres em diversos e diversificados espaços é notória, até mesmo naqueles denominados masculinos, rompendo, assim, com o preconceito de que as mulheres são o "sexo frágil" e que, portanto, sua função deve se limitar à reprodução e às atividades domésticas. Quando muito, a remuneração de tarefas "desqualificadas" e rotineiras, podem servir de complementação ao orçamento da casa ou no caso das mulheres de classe média, lhes serve para ocupar melhor o tempo.

Em todo caso, subsistem ainda rótulos que tentam justificar a não participação das mulheres em espaços masculinos e a não atuação de homens em espaços femininos, o que é culturalmente construído, e, portanto, apreendido tanto por mulheres, quanto por homens. Esses rótulos são mantidos em todas as sociedades, variando de lugar para lugar, de época em época, de cultura para cultura.

De maneira que pode - se concluir que as análises sobre o fato devam ser específicas e não

respondam pelo problema na sua amplitude, podendo ser aproveitadas como exemplos relevantes que, somados, passem a traçar um quadro referencial de compreensão sobre as relações de gênero e, sobretudo as relações humanas.

Atualmente podemos constatar a atuação de mulheres em espaços masculinos bem como a atuação de homens em espaços femininos, às vezes por opção e outras vezes por necessidade de sobrevivência. Contudo, isso não causa mais grande impacto frente a sociedade, pois essas formas de atuação no trabalho vão sendo, aos poucos, desnaturalizadas. Porém, como toda reestruturação social é gradativa, essa evolução dos padrões sexuais na sociedade redonda em diferentes formas de comportamento.

Queremos, com isso, afirmar que não há uma homogeneidade de comportamentos, e de atitudes de mulheres e de homens face às modernas relações entre os sexos. Também não há, necessariamente, uma correspondência entre as suas práticas e os seus depoimentos.

Entendemos que a dinâmica das relações entre os sexos é um tanto quanto complexa, não podendo, dessa forma, ser apreendida de forma acabada, nem tampouco simplesmente através de um estudo tão específico. Desse modo, temos consciência que as considerações aqui elaboradas não esgotam a temática e que é impossível a

generalização em quaisquer dessas considerações ou questionamentos.

Procuramos ao longo deste trabalho, analisar as representações de mulheres - do município de Brejo do Cruz, no sertão da Paraíba - sobre suas práticas, bem como o ser feminino e o ser masculino. Com isso pretendíamos averiguar se haveria uma corespondência entre as falas e as atividades desenvolvidas pelas mulheres.

Procuramos através deste trabalho apreender a maneira com que nossas interlocutoras exprimem a sua feminilidade, e constatar até que ponto seus depoimentos deixam transparecer a relação entre esta feminilidade e suas práticas.

Nas abordagens freqüentemente elaboradas nos estudos sobre a problemática da mulher, a categoria do gênero é utilizada basicamente na perspectiva do entendimento das relações entre homens e mulheres como uma construção social. Portanto está ligada a diversos aspectos da sociedade.

Tendo como base as reflexões teóricas sobre gênero, entendemos que o que é da ordem do feminino e do masculino deve ser compreendido levando em conta a permanente correlação e dependência. Consideramos que, para se aprofundar na compreensão de pensamentos de um determinado gênero se faz necessário a implicação do outro gênero.

Nesse sentido, quando nos detemos numa análise específica, a respeito de um determinado grupo de mulheres, com suas particularidades e seus costumes, com o seu modo específico de viver e encarar a vida, estamos nos referindo ou cada vez mais nos aproximando de outros grupos semelhantes, e, com isso visamos oferecer subsídios para uma compreensão maior sobre as relações entre gêneros.

Podemos demonstrar ao longo da dissertação que as relações de gênero são construídas cotidianamente nos vários espaços ocupados pelas mulheres. Nossa análise teve como embasamento as falas de um grupo determinado. Ela nos possibilitou perceber de que forma eram representados nos discursos o ser homem e o ser mulher como sujeitos sociais. Pudemos constatar que essas duas categorias feminino e masculino se confundem o tempo todo na fala das mulheres. De maneira que, em determinados momentos, o que é definido como relacionado ao feminino, em outras situações já se relaciona ao masculino. Portanto, o masculino e o feminino não são categorias estáticas, se misturando muitas vezes, no próprio momento em que são afirmadas através da fala.

De maneira que, isso não implica em afirmar que esta relação é simples e bem resolvida. Percebemos, ao contrário, que há um conflito permanente entre o que é compreendido como sendo feminino ou masculino. Através das falas, constata-se contradições, demonstrando, assim, o confronto interno que termina por se

exteriorizar nas práticas que, por um lado, se não comprometem diretamente essas práticas, no sentido de prejudicar o bom desempenho deixam claro as lacunas que se formam na sua percepção sobre a participação ativa. Não que isso signifique que elas sejam pessimistas no que diz respeito ao desempenho de suas funções, mas que, ao tentarem afirmar, nos seus discursos, um comportamento ou uma atitude que se adegue à maneira de agir e/ou de pensar feminina ou masculina, ocorre um desencontro de idéias e de argumentos.

Foi possível constatar que em alguns casos, as ocupações "femininas" são representadas pelas entrevistadas como sendo de responsabilidade das mulheres. Isso pode ser demonstrado nos depoimentos da costureira, da enfermeira, da diretora da escola primária e da funcionária do STR.

Em outros momentos, pudemos verificar que, mesmo exercendo atividades "masculinas", as mulheres, nas suas representações, enfatizam características "femininas" para justificarem seu melhor desempenho. É o caso por exemplo, da Marceneira, da Oficial do Registro Civil, da Vereadora e da Dona do Posto de Gasolina.

Por outro lado, há mulheres que acreditam que ao assumirem determinadas tarefas "masculinas" estão contribuindo para a desqualificação dessas práticas. Utilizam esses argumentos a Fazendeira e a Sapateira.

Percebemos, portanto, que os atributos femininos que são utilizados pelas mulheres quando argumentam

sobre a forma como estão inseridas em seus espaços de trabalho, em determinados momentos apresentam - se como empecilhos ao melhor desempenho das tarefas, e, em outros momentos, são utilizados para confirmarem a atuação ideal dessas mulheres em determinadas funções.

Portanto, as atividades assumidas pelas mulheres, bem como a forma como são efetuadas, acabam sendo definidas, nas falas, através das noções de tendências "naturais" do sexo.

A nossa investigação na verdade nunca teve como princípio norteador estabelecer as definições conclusivas e determinantes sobre o conceito e a demonstração do masculino e do feminino com base na análise da categoria de gênero, mas sim enfatizar aspectos de uma situação específica como referência para o estudo mais amplo sobre as relações de gênero, partindo das histórias contadas.

As definições e os conceitos não são tão simples de serem apreendidos uma vez que são construídos no dia a dia e estão em contínua transformação. O que buscamos, na verdade, é relacioná - los a determinadas situações vividas.

Para finalizar gostaríamos de apontar que somos do parecer que epistemologicamente, o mais prudente na busca do conhecimento é o exame cuidadoso e crítico sob a ótica de gênero. Dessa forma, acreditamos poder atingir alguns aspectos da realidade com base num compromisso antes de tudo assexuado.

BIBLIOGRAFIA SOBRE O MUNICÍPIO

Brejo do Cruz. Ano 104. Pesquisa Raimundo F. Galvão.

Brejo do Cruz. Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Imprensa Universitária da Paraíba João Pessoa - 1975.

Brejo do Cruz: Uma Cidade Secular, 109 anos de Emancipação. Ano I n° 01, 1991.

GALVÃO, Raimundo Ferreira. Brejo do Cruz: Fragmentos para a sua História. Prefeitura Municipal de Brejo do Cruz - Paraíba, 1988.

Pesquisa sobre o Município de Brejo do Cruz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Sônia E. Politizando as relações de Gênero e engendrando a democracia, In: STEPPAN, Alfred (org) Democratizando o Brasil. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, pp. 315 - 371.

ARRAZOLA, S. Duque - et alli. Mulheres da Periferia: construindo uma nova identidade feminina - um estudo sobre o gênero. In: GALVÃO, Ana Catarina de Arroxelas, (Coord.) Modernidade e Pobreza: As ciências Sociais dos anos 90. V Encontro de Ciências Sociais do Nordeste. Anais Vol. 01; Recife. Fundação Joaquim Nabuco, 1991. pp. 445 - 456.

_____. O Gênero na Vida Cotidiana das Meninas de Rua de Recife. Recife, Casa de Passagem, 1993.

ARRUDA, Ângela. Fazendo Saúde: Consciência e Política. In: Mulheres: da Domesticidade à cidadania. Águas de São Pedro, ANPOCS, 1987, pp. 07/14.

BANDEIRA, Lourdes M^a e OLIVEIRA, Eleonora M. Trajatória da Produção Acadêmica sobre às Relações de Gênero no Grupo de Trabalho Mulher e Política. In: Ciências Sociais Hoje; ANPOCS, São Paulo, Vértice, 1991. pp. 52 - 69.

- BARROSO, Carmem e COSTA, Albertina de Oliveira,
(org) Muler Mulheres, São Paulo, Cortez, Fundação
Carlos Chagas, 1983.
- BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. 1 Fatos e
Mitos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- BEBEL, Augusto. A Mulher, O Direito e a Política.
In: Revista Princípios (nº 13) São Paulo, Anita
Garibaldi, 1986, pp. 20 - 26.
- BORZEIX, A. e MARUANI, M. Crônica dos Anos de Greve.
In: O Sexo do Trabalho. KARTCHEVSKY, Andrée et
alli, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. pp. 167 -
180.
- BOURDIEU, Pierre, O Poder Simbólico, Rio de Janeiro,
Bertrand Brasil, 1989.
- _____. Sociologia, Coleção Grandes Cientistas
Sociais, São Paulo, Ática, 1983.
- BRUSCHINI, Cristina. O Uso de Abordagens
Quantitativas em Pesquisas Sobre Relações de
Gênero. In: COSTA, Albertina de Oliveira e
BRUSCHINI, Cristina, (org) Uma Questão de Gênero,
Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos; São Paulo,
Fundação Carlos Chagas, 1992, pp. 289 - 309.

- BRUSCHINI, Cristina. Mulher e Trabalho: Uma Avaliação da Década da Mulher. São Paulo, Nobel: Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.
- BUTLER, Judith. Variações Sobre Sexo e Gênero.
In: BENHABIB, Seyla e CORNELL, Drucila, (coord), Feminismo Como Crítica da Modernidade: Releitura dos Pensadores Contemporâneos do Ponto de Vista da Mulher, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1987. pp. 139 - 154.
- CALABRIA, F^{ca}. M^a C. Barbosa. Trabalhar Fora ou Não, Eis a Questão. In: GALVÃO, Ana C. de Arroxelas, (Coord), Modernidade e Pobreza: As Ciências Sociais dos Anos 90, V Encontro de Ciências Sociais do Nordeste, Anais V. 01, Instituto de Pesquisas Sociais, Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1991, pp. 385 - 417.
- CASTRO, Mary G. e LAVINAS, Lena - Do Feminino ao Gênero: A Construção de um objeto. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos; São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992, pp. 216 - 251.
- COLLIN, Françoise. Praxis da Diferença: Notas Sobre o Trágico do Sujeito. Trad: Cristine Rufino Dabat e M^a Betânia Ávila, Recife, S.O.S. Corpo, 1992.

- _____. A Mesma e as Diferenças Trad.
Cristine R. Dabat. Recife, S.O.S. Corpo, 1992.
- COMBES, Danièle e HAICAULT, Monique. Produção e Reprodução . Relações Sociais de Sexos e de Classes. In: KARTCHEVSKY, Andrée et alli, O Sexo do Trabalho, trad. Sueli T. Cassal, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, pp.23 - 43.
- CORREA, M. Mulher e Família: Um Debate Sobre a Literatura Recente. (n. 18). Rio de Janeiro, 1984.
- DOARÉ, Hélène Le. Divisão Sexual e Divisão Internacional do Trabalho: Reflexões a partir das Fábricas Subcontratadas de Montagem. (México - Haiti). In: KARTCHEVSKY, Andrée et alli, O Sexo do Trabalho, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, pp. 45 - 61.
- DURKHEIM, Émile. Representações Individuais e Rep. Coletivas, In: DURKHEIM, É. Sociologia e Filosofia, ... Forense - Universitária, s/d. pp. 15 - 47.

DUVEEN, Gerard. Crianças Enquanto Atores Sociais: As Representações Sociais em Desenvolvimento. In: GAURESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (org.) textos em Representações Sociais, Petrópolis, Vozes, 1994. pp. 261 - 293.

ESCOBAR, Ruth, et alli, Avanços e Perspectivas de Luta de Mulher. In: Revista Princípios, (nº 10) São Paulo, Anita Garibaldi, 1985. pp. 21 - 28.

FRASER, Nancy. Que é Crítico na Teoria Crítica? O Argumento de Habermas e Gênero. In: BENHABIB, Seyla e CORNELL, Drucilla, 1987, pp. 38 - 65.

GAURESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra, (org) Textos em Representações Sociais, Petrópolis, Vozes 1994.

GIKOVATE, Flávio, Homem: O Sexo Frágil? 1ª ed. São Paulo, 1989.

_____. O Homem, a Mulher e o Casamento. 5ª ed. São Paulo, 1982.

GIULIANI, Paola C. Silenciosas e Combativas: As Contribuições das Mulheres na Estrutura Sindical do Nordeste - 1976/1986. Rio de Janeiro, Fundação Carlos Chagas, 1987.

_____, Trabalhadoras Rurais e Aspirações Feministas: Um Diálogo Em Curso. In: Camuflagem e Transparência: As Mulheres no Sindicalismo. São Paulo, CUT, 1990.

GUTIÉRREZ, R. O Feminismo é Um Humanismo. Rio de Janeiro/São Paulo, Antares/Nobel. 1985.

HAICAULT, Monique e COMBES, Danièle. Produção e Reprodução. Relações Sociais de Sexos e de Classes. In: KARTCHEVSKY, Andrée et alli, O Sexo do Trabalho, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, pp. 23 - 43.

HEILBORN, M^a Luiza. Fazendo Gênero? A Antropologia da Mulher no Brasil. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina, (org) Uma Questão de Gênero, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos; São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992. pp. 93 - 126.

HÉRITIER, Françoise. Masculino/Feminino. In: HEILBORN - Políticas Públicas - Uma Questão de Gênero, Lisboa, Eunadi, 1990.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a Vida Com os Outros: Intersubjetividade, Espaço Público e Representações Sociais. In: GAURESCHI, Pedrinho A. e JOVICHELOVITCH, Sandra (org) textos em Representações Sociais, Petrópolis, Vozes, 1994. pp. 63 - 85

KARTCHEVSKY, Andrée. Trabalho Feminino, Trabalho das Mulheres: Forças em Jogo nas Abordagens dos Especialistas. In: KARTCHEVSKY, Andrée et alli, O Sexo do Trabalho, trad. Sueli T. Cassal, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. pp. 13 - 22.

LARGUIA, Isabel e DUMOULIN, John. Para uma Ciência da Libertação da Mulher, São Paulo, Global Editora, 1982.

LAVINAS, L e GIULIANI, Paola, C. Gênero e Classe: Mulheres Trabalhadoras Rurais. In: Mulheres Trabalhadoras Rurais: Participação e Luta Sindical. São Paulo, CUT, 1991.

LOBO, Elisabeth Souza. A Divisão Sexual do Trabalho e as Ciências Sociais (notas de pesquisa) VIII. Reunião da Associação Nacional de Pós - Graduação e Pesquisas em Ciências Sociais - grupo "A Mulher na Força de Trabalho", Águas de São Pedro, 1984.

- _____. Homem e Mulher: Imagens das Ciências Sociais. In: Mulheres: da Domesticidade à Cidadania. Águas de São Pedro, ANPOCS, 1987.
- _____. Os Usos do Gênero. In: Coloquio - Relações Sociais de Gênero X Relações Sociais de Sexo, DS/NEMERSG/USP, 1989.
- _____. O Trabalho como Linguagem: O Gênero do Trabalho. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (org), Uma Questão de Gênero, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos; São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992, pp. 252 - 265.
- LUZ, Madel T. Identidade Masculino - Feminino na Sociedade Urbana Brasileira Atual: Crise nas Representações. In: DAPOIAN, Carmem (org) Homem - Mulher: Abordagens Sociais e Psicanalíticas, Rio de Janeiro, Taurus, 1987, pp. 70 - 86
- MARKUS, Maria. Mulheres, Êxito e Sociedade Civil: Submissão a ou Subversão do Princípio da Realização. In: BENHABIB, Seyla e CORNELL, Drucilla, Feminismo Como Crítica da Modernidade: Releitura dos Pensadores Contemporâneos do Ponto de Vista da Mulher, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1987, pp. 107 - 120.

- MINAYO, M^a Cecília de S. Conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. In: GAURESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (org) textos em Representações Sociais, Petrópolis, Vozes, 1994. pp. 89 - 111.
- MORAES, M^a Lygia Quartim de. Mulheres em Movimento, Década da Mulher, São Paulo, Nobel, Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.
- MOTTA, Alda Britto da. Gênero e Trabalho Doméstico: Homens na Área de Serviço. In: GALVÃO, Ana C. de Arroxelas, (Coord) Modernidade e Pobreza: As Ciências Sociais dos Anos 90, V Encontro de Ciências Sociais do Nordeste. Anais. Vol. I, Instituto de Pesquisas Sociais, Recife. Fund. Joaquim Nabuco, 1991. pp. 371 - 383.
- MOURA, Esmeralda Blanco Belsonaro de. Além da Indústria Têxtil: O Trabalho Feminino em Atividades "Masculinas". Rev. Bras. de Hist. v. 9, n^o 18, São Paulo, 1989. pp. 83 - 98.
- NEIVA, Ivany Câmara e MARTINI, George. Evolução da Participação da Mulher na Atividade Agropecuária: O Que Dizem os Censos?, In: Mulher Rural: "Identidades na Pesquisa e na Luta Política", Friburgo, 1987, pp. 01 - 20.

- NETO, Maria Inacia d'Ávila, O Autoritarismo e a Mulher: O Jogo da Dominação Macho - Fêmea no Brasil (Série Universidade; 14) Rio de Janeiro, Achiamé, 1980.
- NICHOLSON, Linda. Feminismo e Marx: Integrando o Parentesco com o Econômico. In: BENHABIB, Seyla e CORNELL, Drucilla Feminismo como Crítica da Modernidade: Releitura dos Pensadores Contemporâneos do Ponto de Vista da Mulher. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1987, pp. 23 - 37.
- OLIVEIRA, Tânia Régia de. Confronto de Perfis Masculinos e Femininos dos Dirigentes Sindicais na Paraíba: O Caso das Entidades dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR) do Alto Sertão, Monografia Apresentada na conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal da Paraíba - Campus II, Campina Grande, 1988.
- PAULILO, M^a Ignez Silveira. A Mulher e a Terra no Brejo Paraibano, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1979.
- PENA, Maria Valéria Junho. Mulheres e Trabalhadoras: Presença Feminina na Constituição do Sistema Fabril. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

- PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina, São Paulo, Rev. Bras. de Hist. v. 9, nº 18, 1989. pp. 9 - 18.
- PINTO, C. R. J. A Mulher como Sujeito Político: O Caso Latino - Americano. In Mulheres: da Domésticidade à Cidadania. Águas de São Pedro, ANPOCS, 1987.
- PRIORE, Mary Del. A Mulher na História do Brasil. Raízes Históricas do Machismo Brasileiro; A Mulher no Imaginário Social,; "Lugar da Mulher é na História", Col. Repensando a História, São Paulo, Contexto, 1988.
- QUIROGA, Ana M. As Frentes de Emergência e o Movimento dos Saques: Atenuação e Expressão do Conflito no Meio Rural Paraíbano. In: Movimentos Sociais: Para Além da Dicotomia Rural - Urbano, Recife, 1985.
- RAGO, Margareth, Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar: Brasil 1980 - 1930, 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- _____. Nos Bastidores da Imigração: O Tráfico das Escravas Brancas. Rev. Brasileira de História, v. 09 nº 18, São Paulo, 1989. pp. 145 - 180.

- RE, Alisa Del, Práticas Políticas e Binômios Teóricos no Feminismo Contemporâneo, Recife, S.O.S. Corpo, 1991.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (org) Uma Questão de Gênero, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos; São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992, pp. 183 - 215.
- SAFIOTI, Heleieth I. B. e FERRANTE, Vera L. S. B. Mulheres em Movimento na Zona Rural Paulista. In: Seminário "Mulher Rural: Identidades na Pesquisa e na Luta Política", Friburgo, 1987, pp. 01 - 37
- SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil para Análise Histórica. Educação e Realidade Porto Alegre, v. 16, n° 02 1990.
- SEABRA, Z. e MUSZKAT, Malvina. Identidade Feminina. (Prefácio Rose Marie Muraro) 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1987.
- SENA, Custódia Selma. Durkheim e o Estudo das Representações. In: Anuário Antropológico - 84, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985. pp. 134 - 163.

- _____. Trabalhadoras Rurais e Aspirações Feministas: Um Diálogo em Curso. In: Camuflagem e Transparência: As Mulheres no Sindicalismo. São Paulo, CUT, 1990.
- SILVA, José Graziano da. et alli A Persistência da Parceria na Agricultura Irrigada do Nordeste. - As novas questões do Campo, 5º Grupo In: Seminário: Nordeste, O Que Há de Novo? Natal, 1988. pp. 186 - 199.
- STUDART, Heloneida. Mulher Objeto de Cama e Mesa. 17ª ed. Petrópolis, Vozes, 1987.
- TABAK, Fanny e TOSCANO, Moema. Mulher e Política. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- TAYLOR, Julie. Flexibilidade na Ideologia de Gênero: O Caso Argentino. In: Perspectivas Antropológicas da Mulher, 03, Rio de Janeiro, Zahar editores, 1983, pp. 45 - 71.
- WAGNER, Wolfgang. Descrição, Explicação e Método na Pesquisa das Representações Sociais. In: GAURESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (org) textos em Representações Sociais, petrópolis, Vozes. 1994. pp. 149 - 186.